



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARCIA DE OLIVEIRA REMIGIO LEMOS

EM BUSCA DE UM SENTIDO ÉTICO PARA A VELHICE: uma análise metaética das
cartas 12 e 26 da obra “Cartas a Lucílio” de Sêneca.

Recife

2026

MARCIA DE OLIVEIRA REMIGIO LEMOS

EM BUSCA DE UM SENTIDO ÉTICO PARA A VELHICE: uma análise metaética das cartas 12 e 26 da obra “Cartas a Lucílio” de Sêneca

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco, pela aluna Marcia de Oliveira Remigio Lemos, como requisito para obtenção do título de bacharela em Ciências Sociais.

Orientador (a): Prof. Dr. Felipe Arruda Sodré

Recife

2026

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação Sistema Integrado de Bibliotecas da
UFRPE Bibliotecário(a): Auxiliadora Cunha – CRB-
4 1134

L555b Lemos, Marcia de Oliveira Remigio.
Em busca de um sentido ético para a velhice
: uma análise metaética das cartas 12 e 26 da
obra “Cartas a Lucílio” de Sêneca / Marcia de
Oliveira Remigio Lemos. – Recife, 2026.
56 f.

Orientador(a): Felipe Arruda Sodré.

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) – Universidade Federal Rural de
Pernambuco, Bacharelado em Ciências
Sociais, Recife, BR-PE, 2026.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Ética. 2. Sêneca, ca. 4 A.C.-ca. 65 D.C..
3. Velhice. 4. Estoicismo I. Sodré, Felipe
Arruda, orient. II. Título

MARCIA DE OLIVEIRA REMIGIO LEMOS

EM BUSCA DE UM SENTIDO ÉTICO PARA A VELHICE: uma análise metaética das cartas 12 e 26 na obra “Cartas a Lucílio” de Sêneca

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco, pela aluna Marcia de Oliveira Remigio lemos como requisito para obtenção do título de bacharela em Ciências Sociais.

Aprovado em: 12/02/2026

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe Arruda Sodré (Orientador)
Universidade Federal Rural de Pernambuco -UFRPE

Prof. Dr. Marcos André de Barros (Avaliador)
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Prof. Dr. Maurício Sardá de Faria (Avaliador)
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

DEDICATÓRIA

Em memória de Laura, minha querida e saudosa mãe, que me ensinou o que é amar verdadeiramente. Não estais mais entre nós, mas sua força e coragem sempre me guiarão. Não esquecerei da sua alegria e orgulho, quando me conduziu na fila da colação de grau da minha primeira graduação. Agora, chegando ao término dessa segunda graduação, seguirás comigo novamente no meu coração e no meu pensamento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da minha vida, pela força que me deu para enfrentar as dificuldades e desafios para chegar ao término dessa graduação. Os que me amam sabem o quanto foi desafiador seguir em frente sem a minha velha.

Agradeço a Nossa Senhora, minha mãe do céu, por sempre ser minha conselheira e protetora.

Agradeço à Laura, minha mãe, que me apoiou até onde pode nesta jornada, ela sempre foi e sempre será o meu maior e melhor exemplo na vida. Dedico a ti o meu eterno agradecimento e amor.

Agradeço aos meus filhos Marcos Paulo e Miguel Augusto, por me darem a oportunidade de viver o sentimento mais sublime que existe, o amor de mãe. Obrigada por existirem. Seguirei tentando todos os dias ser um bom exemplo para vocês.

Agradeço ao professor Felipe Arruda Sodré, pela oportunidade de ser sua orientanda. Seu olhar apurado e competência incontestável orientaram meu trabalho. Foi uma experiência ímpar, desfrutar de seu tempo e conhecimento. Meu profundo respeito e admira o pelo ser humano e profissional que  s. Na falta de meios para demonstrar minha gratidão, deposito nesta única palavra: “obrigada”, tudo de valioso que aprendi contigo.

Agradeço ao professor Maurício Sardá de Faria, que participou da Banca Examinadora e assumiu com maestria, a tarefa de conduzir e orientar os discentes na Disciplina de TCC2. Enalteço sua dedica o e competência em auxiliar a todos nós nesse período de d vidas e incertezas.

Agradeço ao professor Marcos André de Barros, que participou da Banca Examinadora e com quem convivi no grupo de Estudos Teoria Crítica. Externo neste momento minha gratidão pela oportunidade de ter sido sua aluna.

Agradeço as minhas queridas amigas Nayara e Gabrielle, que estiveram sempre comigo nos trabalhos, seminários, enfim, durante toda a gradua o. Com certeza, essa convivência não se encerra com o término do curso.

Agradeço aos colegas de turma, especialmente a Alexsandra, Adilson, Bruno Henrique, Fernanda e Guilherme, que deixaram um pouco deles na minha vida. Sou grata pela amizade de cada um de vocês.

Agradeço à secret ria Cristiane Pacheco, pelo acolhimento, gentileza, carinho e respeito com o qual me recebeu e orientou e assim o faz com todos os discentes do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

“A filosofia não é uma habilidade para exibir em público, não se destina a servir de espetáculo; a filosofia não consiste em palavras, mas em ações” (Sêneca, Carta 16).

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de explicar o sentido ético da velhice para Sêneca. A pesquisa utiliza abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica dos comentadores da obra “Cartas a Lucílio”, tendo como base de análise metaética das cartas 12 e 26 como fonte primária de estudo e o acréscimo de outras cartas que complementam e ampliam o pensamento do autor sobre a velhice. Na primeira parte do texto, buscamos apresentar as ações éticas que só podem ser realizadas no estágio peculiar da velhice e depois de uma longa vida ética. No segundo momento, destacamos os pressupostos éticos-existenciais que devem ser cultivados sempre e em qualquer idade, isto é, que devem ser adquiridos ao longo da vida independente da idade cronológica. Finalmente, concluímos mostrando que o velho se apresenta como referência para os mais jovens. A análise revela, que na contramão do pensamento do mundo antigo, Sêneca, de modo atual vê a velhice como um período de alegria. Além disso, destaca-se a visão de que os velhos tem uma utilidade para a família e a sociedade. Os achados de pesquisa dão conta de que, os velhos são o receptáculo da sabedoria acumulada durante toda uma vida. Como buscaram uma vida ética, são exemplos a serem seguidos e como tal, são pedagogos por excelência.

Palavras-chave: Ética, Sêneca, velhice, Estoicismo.

ABSTRACT

This work aims to explain the ethical meaning of old age for Seneca. The research employs a qualitative approach, with a bibliographical review of the commentators on the work *Letters on Ethics to Lucilius*, taking as a basis the metaethical analysis of letters 12 and 26 as the primary source of study and the addition of other letters that complement and broaden the author's thought on old age. In the first part of the text, we seek to present the ethical actions that can only be carried out in the peculiar stage of old age and after a long ethical life. In the second moment, we highlight the ethical-existential presuppositions that must be cultivated always and at any age, that is, which must be acquired throughout life independent of chronological age. Finally, we conclude by showing that the old man presents himself as a reference for the younger ones. The analysis reveals that, contrary to the thought of the ancient world, Seneca, in a contemporary manner, sees old age as a period of joy. Moreover, the view that the elderly have a usefulness for the family and society is emphasized. The research findings indicate that the elderly are the receptacle of wisdom accumulated throughout an entire life. As they have sought an ethical life, they are examples to be followed and, as such, they are pedagogues par excellence.

Keywords: Ethics, Seneca, old age, Stoicism.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	CAPÍTULO I - VISÃO PRIVILEGIADA DA VIDA: a velhice guarda o vigor de realmente ter vivido.	14
1.1	A exaltação da velhice: a forma ética de lidar com a velhice	15
1.2	As virtudes não envelhecem, apenas os vícios	18
1.3	Para além da velhice: a decrepitude	22
2	CAPÍTULO II - SABEDORIA ACUMULADA: a velhice e o tempo da ação ética.	26
2.1	A velhice e os indiferentes	26
2.2	Serenidade e a morte no tempo da ação ética	29
3	CAPÍTULO III - PRESENTE VIVIDO COM PLENITUDE: a velhice e o sentido da vida.	37
3.1	O sentido da vida	39
3.2	A função social da velhice	42
3.3	O modelo do sábio ético	44
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS	52
	APÊNDICE A – ÍNDICE DAS CARTAS A LUCÍLIO QUE SE REFEREM À VELHICE	54

INTRODUÇÃO

É comum, na época atual, as pesquisas acadêmicas abordarem o tema da velhice como um problema de saúde pública, previdenciário, jurídico ou demográfico. Desde já assumimos que não trataremos do referido tema pela ótica de nenhuma dessas áreas de conhecimento, uma vez que optamos por estudar a velhice como um fenômeno ético.

Assim, mesmo reconhecendo a relevância dos estudos realizados pelos pesquisadores de vários campos do saber e enaltecendo o trabalho realizado pelos trabalhadores da área médica e seus afins, concentramos nossos esforços em compreender e destacar a dignidade da vida humana na velhice, isto é, a sua ética.

Do ponto de vista mais geral, é o campo médico que melhor define essa fase da vida em seu sentido natural ou biológico. Na verdade, foram os inegáveis avanços dos estudos realizados pelos pesquisadores da área médica, assim como a importância do trabalho de ponta de lança realizado pelos profissionais da saúde, o que permitiu atingir uma conquista de grande valor humano, a saber: nunca antes na história tantos viveram tanto, ou seja, os idosos deixaram de ser uma exceção em nossa sociedade.

Como podemos facilmente constatar, a dignidade na velhice começa pela saúde, apesar de jamais ficar restrita a essa dimensão. Essa é uma condição minimamente necessária, mas insuficiente para compreender o fenômeno ético da velhice. Por isso, há necessidade de fazermos uma breve observação sobre a velhice pelo viés médico.

Como ilustração, para melhor esclarecer o que estamos querendo dizer, vamos recorrer tão somente à descrição sumária do campo de atuação da Geriatria e da Gerontologia que são corresponsáveis pelos cuidados de saúde com o envelhecimento humano. Vejamos o que informa a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia e como ela categoriza o fazer técnico dessas áreas médicas complementares. A Geriatria se refere a

(...) especialidade médica que se integra na área da Gerontologia com o instrumental específico para atender aos objetivos da promoção da saúde, da prevenção e do tratamento das doenças, da reabilitação funcional e dos cuidados paliativos (...) abrange desde a promoção de um envelhecer saudável até o tratamento e a reabilitação da pessoa idosa. (...) No Brasil, a gerontologia passou a ser, além de especialidade destinada ao estudo e pesquisa sobre envelhecimento humano, área de atuação dos profissionais das diversas categorias que atuam com promoção de saúde, prevenção de doenças e agravos, reabilitação funcional e atenção às demandas sociais e econômicas da população que está em vias de envelhecer ou já envelheceu. Assim, começaram a surgir numerosos campos de trabalho e atuação em todas as áreas que hoje compõem o amplo espectro da gerociência (pesquisa) e da gerontologia, esta última enquanto área de formação e de prática profissional voltada ao envelhecimento (Site Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia).

Mesmo que o enfrentamento para a saúde dos idosos tenha obtido bons resultados, consideramos que para o nosso propósito esta perspectiva é insuficiente. De fato, o campo médico possui obviamente grande valor prático, mas é incapaz de fomentar uma reflexão filosófica que salguarde o sentido ético da velhice.

O campo da metaética se volta para o estudo do que se poderia chamar de ética de segunda ordem, que não prescreve normas, mas, busca dar sistematicidade e sentido aos elementos que estruturam o debate em torno dos temas relacionados à ética (Fischer, 2011, p. 2). No nosso caso particular, pontuamos que a velhice é um fenômeno natural do ser humano que não é um mau em si, a maneira de se encarar a velhice é que pode ser ética ou não.

Dessa forma, escolhemos retirar do tesouro da tradição filosófica ocidental um dos maiores textos de referência da História da Ética: *Epistulae morales ad Lucilium*. Assumimos, para tanto, o compromisso de esclarecer, seguindo o pensamento senequiano, o sentido ético da velhice.

O pensamento senequiano sobre a velhice denota a fragilidade do corpo, mas com a autonomia de quem é protagonista de sua vida. Ou seja, o autor como pedagogo descreve como o sábio ético lida com a velhice e qual a melhor maneira de encerrar a sua vida antes que biologicamente ela acabe.

As paixões, os desejos e as buscas da fase da juventude já não fazem sentido neste momento de sua vida. Quem conseguiu viver uma vida eticamente bem vivida, deve chegar à velhice com a vida resolvida.

O velho, após atingir a plenitude da vida ética, tendo procurado levar uma vida útil para si mesmo, para os seus familiares, amigos e também para toda a humanidade, deve ser visto por todos como modelo e inspiração para as gerações futuras. Em outras palavras, deve deixar um exemplo de vida a ser seguido. Sua existência deve ser como um “farol” que direciona os que estão “navegando” nos mares da vida.

Para apresentar o tema da velhice, faremos o uso dos comentadores de Sêneca. Segundo J. A. Segurado e Campos (2004) que se ocupou em realizar a tradução completa, a introdução e as notas da edição da Fundação Calouste Gulbenkian das “Cartas a Lucílio”, a filosofia de Sêneca se notabiliza (entre outros tantos motivos) pelo fato de:

(...) conterem uma soma de reflexões sobre enorme variedade de problemas, na sua totalidade de caráter ético; o facto de tais reflexões, conquanto assentes num quadro teórico perfeitamente delimitado e coerente, se revestirem de um caráter extremamente prático, isto é, de constituírem uma análise de situações concretas e de apreciações de grande agudeza sobre a natureza e o comportamento humanos; (...) o facto, enfim, de a natureza dos problemas que suscitam e discutem se revestir de uma pertinência transcendente à época em que foram redigidas e oferecer uma viva fonte

de meditação para quem pretenda questionar-se sobre os valores da sociedade em que se insere (p. V - VI).

Por seu caráter atual e pouco abstrato, a obra de Sêneca constitui uma valiosa referência para a defesa social-histórica concreta da dignidade humana quando em idade avançada.

Em outra passagem, Segurado e Campos (2004) na sua famosa introdução, citando Pe. Manuel Antunes, afirma que Sêneca seria o “filósofo da condição humana”, não tanto “por se preocupar em determinar especulativamente os traços que definem essa condição humana, mas essencialmente por pretender conferir ao homem uma orientação concreta que lhe seja de utilidade em todos os momentos da sua vida” (p. XXIV). Em outras palavras, o notório estudioso de Sêneca se coloca na defesa de que a filosofia deveria servir para orientar as ações cotidianas das pessoas, imprimindo aos que se dispunham a se aproximar dos preceitos filosóficos da escola estoica, no nosso caso em particular seu amigo Lucílio, em agir de maneira que suas ações fossem virtuosas, por mais difícil que sejam as situações adversas.

Diferente da velhice biológica que é comum a todo ser vivo, a velhice como fenômeno ético é a expressão notável da finitude e da fragilidade próprias à condição humana. Ao mesmo tempo, a velhice deve representar uma conquista moral de quem conseguiu lidar bem com os reveses da vida. Seria assim considerada uma realização pessoal, mas, deve universalmente servir como exemplo para outras pessoas.

Assim, no presente trabalho buscamos fazer uma análise metaética das cartas 12 e 26 na obra “Cartas a Lucílio” de Sêneca para trazer à luz o sentido ético da velhice. Nosso interesse é contribuir com o debate conceitual de base sobre a velhice, desenvolvendo uma sensibilidade ética para a questão.

Metodologicamente, tendo em vista que as cartas 12 e 26 são *loci classici* e, portanto, a nossa fonte principal relacionada ao tema da velhice em Sêneca, fizemos uma leitura da obra “Cartas a Lucílio” pela ótica destas duas cartas. Por isso, subsequentemente, as outras cartas que compõem a obra foram tratadas como contributos, complementos e desenvolvimento do pensamento ético do autor sobre o tema da velhice.

Para efeito de análise metaética, tomamos a decisão de primeiro separar e, depois, reagrupar os parágrafos das cartas de Sêneca a Lucílio que versam sobre o tema da velhice. Assim, pudemos estruturar o nosso trabalho em três categorias senequianas seminais representantes do sentido ético para o fenômeno da velhice (e as suas vantagens) contidas em três fórmulas metafóricas apresentadas originalmente no corpo da carta 12, a saber: no capítulo I (visão privilegiada da vida) tratamos daquilo que só pode ser executado estando no estágio peculiar da velhice, ou seja, a sabedoria própria de quem viveu uma vida ética e agora “está à

beira do telhado”; já no capítulo II (sabedoria acumulada) apresentamos os pressupostos éticos/existenciais que devem ser cultivados sempre e em qualquer idade, isto é, “os frutos maduros”, que devem ser adquiridos ao longo da vida (e cuidadosamente preservados) independentemente da idade cronológica dado que é apenas o tempo presente (“o agora”) o momento adequado para agir eticamente; e, finalmente, no capítulo III (presente vivido com plenitude) concluímos indicando que, para Sêneca, o sentido último de uma longa vida ética é servir como exemplo inspirador, sendo o caráter pedagógico da velhice a derradeira fonte de prazer, “o último copo de vinho que leva a embriaguez”. Também disponibilizamos, como apêndice, um índice com a indicação dos parágrafos e das cartas de Sêneca que julgamos relevantes para a questão ética da velhice.

Nos dispomos a estudar a obra de maturidade por excelência de Sêneca pois, tanto no sentido filosófico-intelectual, quanto pelo fato de que em uma sociedade romana por volta de 62 a 65 d.C. (onde os indivíduos que chegaram aos cinquenta anos de idade já eram idosos), é Sêneca (ele próprio) quando da escrita das “Cartas a Lucílio”, um velho que se encontrava na mesma situação que é o tema do nosso trabalho. Um idoso que, submetido aos desvios morais de Nero, optou por se afastar das funções públicas e, recolhido em sua residência, destinou os seus últimos meses ao trabalho de descrever e aconselhar a melhor maneira de encarar a vida, mesmo na adversidade, deixando exemplos a serem seguidos para os que lhes sucederão.

Em suma, buscamos responder dentro deste estudo, qual o sentido ético da velhice, usando a fonte primária da escrita das “Cartas a Lucílio” de Sêneca e contando em um segundo momento, com o apoio pontual dos comentadores da obra.

CAPÍTULO I

1. VISÃO PRIVILEGIADA DA VIDA: a velhice guarda o vigor de realmente ter vivido.

Neste capítulo iremos lidar com aquelas ações éticas que só podem ser realizadas no estágio peculiar da velhice e depois de uma longa vida ética. Nesse sentido, aqui serão apresentadas as especificidades do fenômeno ético da velhice. Para tal, faremos referência ao modo como nosso autor entende que os velhos (e somente eles) podem ser detentores de uma autêntica experiência e observância adquirida com o tempo. Assim, vejamos como o vigor ético da velhice é descrito por Sêneca primeiramente nas cartas 12 e 26, mas, também, ao longo de sua obra “Cartas a Lucílio”.

Desde o início é preciso deixar claro que, segundo Sêneca, o agir ético próprio da velhice precisa começar com a vida adulta e exige que haja uma preparação contínua durante toda a vida (capítulo II). Só assim, já no final da vida, o agir ético será capaz de expressar por si mesmo a sua projeção na sociedade com máxima honestidade deixando, conseqüentemente, um sólido legado ético para as futuras gerações (capítulo III). Por isso, chegar biologicamente a fase da velhice de modo algum garante, ou mostra, que os velhos atingiram a sabedoria ética e, muito menos, o seu vigor.

Por outro lado, o agir ético da velhice não está reduzido à objetividade abstrata (intelectualista) da ação moralmente correta, mas, para além disso, está ancorado no caráter e na história de vida de uma pessoa concreta que envelheceu sendo constante na prática do bem. Logo, o vigor ético da velhice descrito por Sêneca é resultado de um agente ético real que firmemente cuida da vida, que eticamente “faz tudo o que é preciso, que toma todos os cuidados necessários” (carta 12.2).

Ora, descrita de tal forma, a velhice tem que ser exaltada, justamente porque o desfecho de uma vida eticamente bem vivida mostra que a decrepitude do corpo é consequência não de um mal, mas do empenho constante em fazer o bem. Por isso, Sêneca pode dizer: “não sinto na alma as injúrias da idade, conquanto as sinto no corpo” (carta 26.2). Além disso, se “o mal não está em falta de cuidados” (carta 12.1), então a decadência do corpo é a prova tangível de uma vida que foi gasta sem que perdesse a sua integridade (carta 26.1), uma vez que foi realizada com propósito pleno de sentido ético.

1.1. A exaltação da velhice: a forma ética de lidar com a velhice

Para aqueles que possuem um olhar superficial da vida, a velhice pode ser encarada como uma fase de decadência, onde o esforço para manutenção da vida é inútil e muito penoso. Para estes, a velhice será lamuriante, semelhante à como viver em uma casa em ruínas (carta 12.1). Nesse sentido, a velhice pode ser entendida como um castigo infligido àqueles que distraidamente não perceberam a passagem do tempo e, simplesmente, apodreceram antes mesmo de serem colhidos pela morte.

Mas, se é verdade que a integridade ética se destaca na velhice pela constância, então a vida em idade avançada deve guardar o vigor de sentido (e a experiência real) de escolhas feitas no passado que nem a morte é capaz de afetar. Assim, o contraste destaca que o corpo naturalmente tem que desfalecer, enquanto o valor das ações éticas permanece. Tal como, do mesmo modo que o próprio tempo não passa, a vida não morre, as virtudes éticas (que dão sentido à vida) não envelhecem, são sempre atuais. Já os vícios enfraquecem com o tempo e é, justamente, a manutenção dos vícios (sendo interminável) que é inútil pois, com o passar do tempo, vai se tornando cada vez mais penosa até que no estágio da velhice é insuportável.

Porém, a primeira dificuldade na forma ética de lidar com a velhice não está em acolher a própria finitude, mas em perceber concretamente que (não importa o esforço) não há como evitar, desconsiderar ou remediar a situação de fragilidade em que a vida se encontra nesse momento. Assim, na carta 12, após fazer uma descrição espantosa sobre o que o tempo fizera com a sua quinta, Sêneca toma consciência de que o passar do tempo observado nas plantas, nas pedras (que em sua composição deveriam durar bastante) e também na velhice de seus empregados (que trabalharam a vida toda desde a infância na sua propriedade), são a denúncia sobre o envelhecimento dele próprio. Sêneca, de sobressalto, apesar de relutar diante do que via se percebe velho, é preciso dar o passo seguinte: aceitar a velhice.

Assim, nos deparamos com uma reviravolta na maneira que o autor encara a velhice, dela extraíndo uma forma de deleite que contrasta com o início de sua carta. Citamos o parágrafo 4 da carta 12, onde o autor declara solenemente que: “pois abracemo-la, apreciemo-la: se a soubermos usar a velhice é uma fonte de prazer.”. Nesta citação, nosso autor revela não só sua aceitação da velhice, mas, com uma conotação de alegria, defende que a forma autêntica de lidar com a velhice é gratificante. Pois, a vida bem vivida proporciona ao ser humano em idade avançada a maturidade e serenidade de quem conseguiu extirpar os maus hábitos ainda na juventude.

Para Alonso (2020), a exaltação da velhice defendida por Sêneca contrasta fortemente com a cultura clássica segundo a qual “o período final da vida é cheio de inconvenientes, de

sofrimentos e misérias, e prenúncio de algo terrível: a morte” (p. 47). Por outro lado, ainda na cultura clássica “a morte heroica na juventude há de trazer-lhe uma imortalidade por meio da glória imperecível” (p. 48). A defesa de “que a velhice pode ser um período prazeroso para quem dela sabe servir-se” (p. 49), representa uma visão ética íntegra e incondicionada do valor da vida. A alegria de uma vida plena de sentido ético muda com o passar dos anos, mas é constante em todas as suas fases, e não pode ser enfraquecida pela morte.

Vejamos, nas palavras de Sêneca, como a exaltação da velhice é apresentada:

Fico em dívida com a minha quinta: para onde quer me virava fazia-me dar conta da minha velhice. Pois abracemo-la, apreciemo-la: se a soubermos usar, a velhice é uma fonte de prazer. Os frutos tornam-se mais agradáveis quando estão a ficar passados [*fugiunt*]; é no seu termo [*in exitu*] que mais brilha a graça da infância; aos bebedores, o último copo é que dá mais prazer, aquele que culmina e dá o último impulso à embriaguez; aquilo que cada prazer tem de mais saboroso é guardado para o fim. É extremamente agradável esta idade, já tendente para o fim embora ainda não a tombar; estar prestes a atingir a beira do telhado, acho que é situação dotada dos seus encantos; ou pelo menos, em vez de encantos, bastará a simples ausência de necessidades. Como é bom já ter cansado os nossos desejos, tê-los abandonado (Carta 12, 4-5).

As vantagens da velhice descritas por Sêneca na carta 12 são de uma atualidade e originalidade ímpar. As fórmulas metafóricas (ou imagens como prefere Alonso) são três: frutos, infância, bebedores. Isso significa que, o valor do bem é mais perceptível na escassez; que a beleza é mais vistosa na força da juventude que se subordina à ordem da maturidade; e que a autenticidade no viver (sobriedade), consequência de uma integridade indissoluta entre o desejo sincero de fazer o bem e o bem moral (*honestum*), é mais gratificante na despedida da vida (*embriaguez*). Ou seja, o bem é muito mais sentido na iminência de sua falta, a beleza é melhor notada quando a força passa a ser conduzida pela ordem, e a verdade no viver é lembrada com maior ímpeto quando a sua integridade biográfica estiver próxima de ser interrompida. Por isso, “dos três exemplos, Sêneca tira uma conclusão única: todo e qualquer prazer reserva para o fim o que ele tem de mais gratificante” (Alonso, 2020, p. 51). Os frutos maduros representam o prazer que se sente por aquilo que se desfruta como o que se aproxima do fim. O final da infância como fase onde se pode aproveitar os momentos de diversão, tendo consciência dos deveres e exigências da vida adulta. O último copo de vinho que leva a embriaguez, como um momento onde o presente é vivido com plenitude, sendo o ápice da vida tão saboroso que a morte não é capaz de pôr um fim.

O momento de exaltação da velhice como sendo uma fonte de prazer, se estende para o parágrafo 5 da carta 12, onde Sêneca enaltece o que vive, fazendo uma comparação de como os que já atingiram a velhice conseguem ver com mais clareza as situações da vida. Declara

que, apesar da velhice, ainda conta com um certo vigor e nessa contemplação, assegura que esta fase traz consigo uma situação proveitosa para os velhos. Se já não podem contar com a vitalidade da juventude, ficam satisfeitos em constatar que os vícios foram derrotados e não constituem uma ameaça.

Num momento de extrema alegria observamos na carta 34.1: “Sinto-me pleno de exaltação, sinto que a velhice perde peso e ganha forças sempre que vejo, em quanto fazes e escreves, até que ponto tu (que já te retiras do vulgo) fazes progressos sobre ti próprio”. Sêneca faz uso de momentos da vida cotidiana para explicar o quanto prazeroso é observar o crescimento e a conquista do que se busca nas atividades laborais exercidas pelos homens. A alusão feita ao agricultor, ao pastor de ovelhas e ao homem que acompanha o crescimento de um filho são exaltadas, mas o autor exulta mesmo, em descrever que os educadores espirituais sentem prazer com o progresso dos que orientam na vida.

Para Sêneca, o idoso é o educador ideal por excelência, desde que tenha cultivado durante toda a sua vida a busca pela virtude. Se assim procedeu, podemos afirmar que velhice e educação são inseparáveis neste momento da vida. Sua vida ética conquistada desde os dias da juventude, o tornou um guia moral, e como tal, um modelo de vida a ser seguido pelos mais jovens.

A constatação dos progressos de seu amigo Lucílio são preciosos para que o velho instrutor se rejubile com a obra que iniciou. E que de posse dos fatos que observa, já vislumbra como uma obra que será concluída com sucesso. Nesse sentido concordamos com Cermatori (2014): “Sêneca representa o mestre como um artesão que molda o discípulo pela educação e utiliza termos que pertencem ao contexto da arte material, aludindo assim à imagem da filosofia como força criativa e desenvolvendo nossa compreensão do ensino filosófico” (p. 297).

A alegria de transmitir os ensinamentos da escola estoica, transborda nas palavras de Sêneca. O professor entusiasmado com a constatação de que realmente estava certo, quando decidiu iniciar Lucílio no caminho da busca pela virtude. Segundo Segurado e Campos (2004): “O seu escopo é levar o orientando à prática da virtude, simplesmente numa intenção pedagógica em que, como sempre, o importante é o valor real do ensino para a formação moral e não o luxo intelectual da informação” (p. XXVII). Voltaremos a tratar sobre a função pedagógica da velhice no ponto 3.1 deste trabalho.

Na carta 124 parágrafo 12, Sêneca exalta a velhice a elegendo e a comparando com as outras fases da vida e condiciona a aquisição da razão como bem específico do homem (a ética), sendo um bem que se adquire durante a velhice (ensino da ética). O ensinamento gira em torno de que na infância não seria verificável, que na puberdade não se desconfia da sua existência,

já na adolescência essa aquisição seria uma utopia. E finalmente com a chegada da velhice e fazendo uso de muito estudo se chegue a se apropriar dela. Ora, o bem específico do homem é fazer o uso da razão, e para tal será exigido deste homem que ele viva de acordo com a natureza, ocupando o lugar que lhe foi escolhido pelo cosmos.

Retomando a carta 12, Sêneca analisa a sua velhice fazendo uma relação com a quinta que lhe pertence. Tudo que via denunciava o seu estado de decrepitude, havia a necessidade de cuidados e reparos, as plantas estão sem folhas e os ramos nodosos e as raízes retorcidas. Há que se fazer uma comparação com a pele dos velhos (prova tangível), que se enrugam e expõem a idade avançada. Porém, o tempo nem a tudo destrói. Percebemos como Sêneca corrigiu a si mesmo (deixou de fugir) e aceitou viver de acordo com a natureza, ou seja, aceitar cada fase da vida com as características próprias dela.

Se a casa que cresceu ante os seus olhos se encontra caindo aos pedaços, imagine o que não se processa em seu próprio corpo. É forçoso para nosso autor reconhecer que o estado de decomposição de sua propriedade, denuncia a sua própria fragilidade, visto que era mais velho do que ela. Mesmo assim, com o desenvolvimento da escrita da carta 12, depois de sua recusa inicial, exalta a velhice por suas características se assemelharem aos melhores momentos que se pode viver na vida. Capturamos dessa afirmação que esse bem estar ético da velhice para o autor é guardar o prazer superior para o fim.

Mas, para Sêneca, três são os vícios principalmente que como um “corpo auxiliar desses vícios” (26.2) podem permanecer na velhice e correspondem às fases da vida, a saber: o medo infantil, a busca por sucesso econômico; o poder político.

1.2. As virtudes não envelhecem, apenas os vícios

Na carta 26.2, Sêneca afirma “Somente envelheceram os meus vícios, tal como o corpo auxiliar desses vícios”. Nessa citação o autor expressa a firme descrição de que os dias de sua velhice não são mais atormentados pelos vícios, que seu corpo envelhecido não é motivo de angústias e preocupações. As necessidades se tornaram poucas e são de pouca importância diante do que realmente representam. Em outras palavras, a sua posição de seguir os preceitos da escola estoica e viver uma vida ética, se esforçando para seguir o ideal do sábio ético, o fez chegar a um patamar onde os prazeres desmedidos e as buscas da juventude já não fazem nenhum sentido.

Por isso, os homens em idade avançada deveriam superar os medos e tolíces da infância. O medo da morte, revela a insensatez de quem teme o que é natural e inerente à condição dos

homens, ou seja, a morte é inevitável. Na carta 4.2 Sêneca adverte a Lucílio que: “e pior ainda é que já temos a autoridade da velhice, mas mantemos vícios de crianças; não só de crianças, mas mesmo de recém nascidos, pois as crianças temem coisas sem importância e os recém-nascidos coisas inexistentes; nós, tememos umas e outras”. A carta traz consigo uma profunda reflexão sobre como os velhos devem se portar diante das situações que a vida põe diante dos seus olhos. Com a maturidade que se conquista com a velhice, os homens deveriam ter se libertado do vício de temer as situações que atormentam os recém-nascidos e os que estão vivendo os dias da infância.

Na velhice, a busca por acúmulo de bens (ganância), é um vício ainda mais degradante. O homem sábio nos dias da velhice, deve se apropriar de seus bens internos, deve ser capaz de desfrutar do que tem, sem se tornar escravo de suas posses ou sofrer com a possibilidade de perdê-los. Na carta 19.4, Sêneca recomenda a Lucílio sobre como se deve seguir para uma vida retirada, que esse momento não deve incitar o ódio de ninguém e que a alma do que se dispôs ao ócio não carregue saudades da vida antiga e nem remorsos. Para explicar, cita os negócios, que se possa ter conduzido durante a vida e sobre eles recomenda que os abandone, pois os clientes costumam ser interesseiros. E quanto aos antigos clientes, aparentavam buscar sua amizade e agora buscam tirar proveito. Se sua atitude perante os clientes mudar, eles procurarão um outro estabelecimento.

Insistir em manter o poder político na velhice é um vício. Nesta fase da vida, o homem deveria estar preparado para se afastar vida pública e substituí-la por uma vida reservada e tranquila. Utilizando o tempo restante para o estudo da filosofia e aperfeiçoamento da virtude. Sua função na vida retirada, é se colocar à disposição dos mais jovens e também para a posteridade (carta 8), na atividade de instruí-los para a conquista de uma vida ética. A exortação para Lucílio na carta 19.4, é para que ele se mantenha firme na busca pela sabedoria. Não deve haver dúvidas sobre a decisão de se retirar. Diz Sêneca: “Uma coisa valiosa não pode comprar-se por pouco: considera, portanto, se preferes desistir de ti mesmo ou apenas de parte do que tu eras”. O momento de se retirar da vida pública com a aposentadoria, é um convite para que não haja uma fuga de si mesmo, mas que esse momento do ócio seja proveitoso para a edificação do homem que deseja ser sábio.

No que podemos apreender com a carta 55, o autor faz referência sobre Vátia, um velho que se retirou para o ócio e esse afastamento foi designado pelos que viviam em sua vila como o bastante para designar-lhe um homem feliz. Todavia, seu afastamento não se dava em comprometimento com a reflexão, o autoconhecimento ou com a busca da verdade. Segundo Sêneca, Servílio Vátia sabia se esconder e não viver, falar sobre este velho o deu a oportunidade

de esclarecer a Lucílio que viver tranquilo e contente no ócio, é uma prerrogativa que pertence somente ao homem sábio.

Na carta 67 parágrafo 2, está explícito que Sêneca ainda possuía vícios que necessitavam de correção, “Tenho que dar graças à velhice por me manter colado à cama. E porque não dar-lhe graças por isso? Assim, estou impossibilitado de fazer aquilo mesmo que a vontade me devia impedir de fazer”. Ressente-se em admitir que a vontade não funciona como deveria. Para Colish (2014), Sêneca reconhece que a vontade pode ser dividida contra si mesma: “os homens amam e odeiam seus vícios ao mesmo tempo” (p. 105).

Ademais, para o autor reconhecer que possui ainda atitudes que precisam de correção, é ser honesto com o seu discípulo. Segundo Jones (2014): “para Sêneca, a autorreflexão honesta dá a oportunidade de fazer um balanço do próprio progresso filosófico e fornece a si mesmo um incentivo para aderir aos próprios princípios filosóficos” (p. 405). Mas vale salientar, Jones faz uma crítica acalorada sobre os ensinamentos contidos nas *Epistulae*, considerando que Sêneca nada mais é do que um hipócrita que ensina ao discípulo (proficiente) aquilo que não consegue executar.

Discordamos da posição assumida por Jones, pois Sêneca na carta 6.1 declara que: “verifico Lucílio, que não apenas me estou corrigindo, antes me estou transfigurando. (...) Mas já é uma prova de que o espírito alcançou um degrau superior o facto de reconhecer os defeitos que até então permaneciam ignorados”. (ver também carta 49) Sêneca, portanto, se insere na posição de um mestre que na sua prática pedagógica, se compraz em aprender, enquanto ensina. “Há que usar de reciprocidade: enquanto se ensina aprende-se também” (Carta 7.8). Nos parece no mínimo estranho a acusação de hipocrisia direcionada ao autor, visto que no início da obra esclarece que o caminho que leva a sabedoria, seria galgado com dificuldades, por retrocessos, porém que se deveria manter a constância em reformar as deficiências, para assim se continuar no processo de autoaperfeiçoamento.

No que se refere à crítica que Jones faz a Sêneca sobre a forma hipócrita com que conduz os ensinamentos a Lucílio, concordamos com o que Setaioli (2014) afirma: “em primeiro lugar deve-se dizer que as *Epistulae* são concebidas como direção espiritual e guia para a educação ética (inclusive autoeducação) e progresso moral, envolvendo tanto o destinatário quanto o próprio autor” (p. 192).

A retirada da vida pública e o conseqüente recolhimento de Sêneca abrem o caminho para dedicar-se ao aperfeiçoamento filosófico, e declara que sua comunicação está restrita aos livros. Portanto no decorrer da carta 67, exulta de alegria e revigora o seu espírito quando recebe as cartas de Lucílio. O relato exalta a importância da amizade para o autor, não como uma

necessidade pois, sabemos que embora o sábio se baste a si mesmo, deseja, no entanto, ter um amigo (Carta 9.8).

O parágrafo 14 da carta 68, inicia-se com uma indagação a uma pergunta de Lucílio ‘Perguntas tu:’ Mas quando, ou em quê, tirarás tu proveito de uma lição que estudas quase ao deixar esta vida?’ A resposta de Sêneca se dá em aconselhar a seu amigo a aprender a viver bem para então morrer bem. Para Sêneca, a velhice tem suas vantagens: “aqui está o que a nossa idade tem de bom: quem chega à sabedoria da velhice, chega com toda a experiência de muitos anos”. Esses anos passados trouxeram consigo o cansaço das paixões e já se vislumbra o caminho da perfeição. Embora seja necessário lembrar que a fase da velhice em si, não é garantia de sabedoria (ver ponto 1.1 deste trabalho).

De uma forma poética na carta 70 no parágrafo 2, faz alusão as palavras de Virgílio “*as terras e as cidades se perdem no horizonte,*” e se remete as fases da vida, diz Sêneca:

(...) assim também nós, nesta veloz carreira do tempo que é a vida, vemos sumir-se primeiro a infância, depois a adolescência, em seguida o espaço que medeia entre os dois marcos que são a juventude e a idade madura, depois os melhores anos da velhice; finalmente começa a tornar-se publicamente visível a proximidade do nosso fim como homens.

O ser humano não deve sentir angústia ou tristeza em perceber o passar do tempo, adverte Sêneca a Lucílio: “ora, como tu bem sabes, a vida não é um bem que se deve conservar a todo custo; o que importa não é estar vivo, mas sim viver uma vida digna!” (Carta 70.4).

Apesar de ser uma linha cronológica que o autor apresenta, é preciso entender que a morte não é o castigo que se impõe a quem está nos dias da velhice, mas uma condição inerente a todos os homens. Sendo assim, Sêneca na carta 12.6 adverte o seu amigo Lucílio: “bom, ter a morte diante dos olhos é coisa que tanto deve fazer um velho como um jovem (já que ela nos não chama por ordem de idades)”. Esta advertência nos deve deixar atentos para a prontidão em seguir o caminho da virtude, que deve ser trilhada desde os dias da juventude pois, não sabemos se o dia que estamos a viver será o último.

A carta 76 no parágrafo 2, traz a exortação de que os homens devem buscar aprimorar os seus conhecimentos durante a fase da juventude, pode ser que as condições próprias da velhice impeçam que se apropriem deles nesta fase da vida. Notamos em Sêneca a crítica que faz a si mesmo por não ter buscado mais os estudos filosóficos antes de atingir a velhice. Porém, para o autor como pedagogo que é, acredita sinceramente que devemos sempre aprender até o final da vida. Nesses termos Torres (2013), elucida sobre como Sêneca entende o processo de educação:

Em processos educacionais concretos, é relevante saber se o destinatário é uma criança, ou jovem ou um adulto para adaptar os métodos e os conteúdos, mas esse não é o caso com relação à própria essência da educação, pois ela pode ser dirigida a qualquer pessoa em qualquer momento da vida. Se o *auto-aperfeiçoamento* não é exclusivo de nenhuma idade ou período, a educação também não o é. Portanto, a orientação de almas - ou consciências - e a pedagogia compartilham muito mais do que um fio fino (p. 22).

Na carta 96 parágrafo 3, encontramos um relato sobre uma doença adquirida por Lucílio, que segundo Sêneca lhe trouxe sofrimento e em certa medida o risco iminente de fazê-lo perder a vida. Como as cartas são um recurso para ensinar ética, aproveita a situação oportuna e procura chamar a atenção de Lucílio para que recobre o bom senso. Exorta seu amigo a reconhecer o óbvio: que os homens que chegaram à velhice estarão submetidos aos efeitos da degeneração do corpo, com a presença de dores e de doenças, que são características bastante comuns para esse período da vida.

A afirmação de Sêneca não poderia ser diferente pois, a própria condição humana de mortalidade condiciona os homens para a decadência do corpo. Didaticamente, como um filósofo que acreditava que os momentos da vida cotidiana são propícios para se ensinar a postura ética, utiliza uma metáfora sobre uma estrada para explicar para Lucílio que um processo longo de vida traz consigo dificuldades que são inerentes aos que chegam a idade avançada, diz Sêneca: “numa longa vida encontra-se de tudo, tal como numa estrada longa se encontra poeira, lama e chuva” (Carta 96).

1.3. Para além da velhice: a decrepitude.

Percebemos que o balanço que Sêneca faz sobre a sua vida constata que conserva o seu espírito são e firme em seus propósitos. Mas quanto ao corpo que habita, considera que se apresenta de forma decadente. Observamos o momento em que o autor se considera num estado físico que ultrapassa o limite da velhice, ele afirma: “inclui-me, portanto, no número dos decrepitos já prestes a atingir o fim” (Carta 26.1).

Segundo Alonso (2020, p. 47) o termo *decrepitus* (decrépito), aparece apenas duas vezes nas Epistulae, na carta 12 e, subsequentemente na carta 26. Sendo na carta 12: “virei-me para a porta. ‘Quem é este?’ - perguntei. “Este velho decrepito que, com toda a razão, puseram junto da porta? O velho decrepito a que se refere é Felício, filho de seu feitor Filosito”. Para o autor deparasse com a presentificação da velhice desta forma causava-lhe espanto. Seria mesmo necessário assumir que diante de tantos indícios, realmente encontrava-se nesta fase da vida.

Enquanto na carta 26 no parágrafo 1, o autor fornece uma definição de velhice que está associada a constituição corpórea. Nos diz Sêneca: “velhice é o nome que se dá ao período da vida em que o homem está, embora cansado, ainda não gasto de todo”. Esta definição de velhice não se aplica ao autor, porque insiste como na carta 12 que está para além do que seja ser velho. Assume que sente no seu corpo o fato negativo de está se desfazendo. Segue anunciando: “inclui-me, portanto, no número dos decrepitos já prestes a atingir o fim”. Há nesta afirmação uma descrição da velhice que denota contornos de algo terrível, para quem não é ético, pois sempre viverá em uma casa em ruínas, um ser humano que se encontra num estado de decomposição (Carta 26.2). De forma contrária a descrita, os que estão em idade avançada e cultivaram uma vida ética, encontram-se com o vigor da alma, conforme o próprio autor declara: “somente envelheceram os meus vícios, tal como o corpo auxiliar desses vícios” (Carta 26.2). Tratamos sobre a decrepitude do corpo na página 6, no tópico 1.1 deste trabalho, e o retomamos neste ponto, para reforçar o pensamento do autor sobre a decomposição natural e biológica do corpo e para reafirmar que o vigor da vida ética assumida pelos velhos, mantém a fortaleza da alma.

Na carta 58 no parágrafo 33, encontramos uma reflexão sobre o estado físico do homem que atingiu a velhice, com questionamentos sobre como se deve agir se os sentidos, o corpo e o espírito forem atingidos pelo enfraquecimento ou debilidade. A discussão gira em torno de que mesmo na velhice se estão preservadas as faculdades mentais e o bom funcionamento do corpo, deve-se continuar a viver sem constrangimentos. Mas, se diante da perda de alguma de suas funções específicas, o próprio velho deve se perguntar se o que se processa com ele é o prolongamento da vida ou da morte.

Na contemporaneidade ocidental, os costumes e hábitos divergem dos dias de Sêneca na sociedade romana, a se dizer: primeiro século depois de Cristo, e como tal a visão da sociedade sobre o prolongamento da vida e o esquecimento da morte são descritos nestes termos por Elias:

A tecnologia e os avanços da medicina, afasta dos mortais a ideia da morte inevitável. Os medicamentos, as novas técnicas de higiene, prevenção e tratamento das doenças, aumentam a expectativa de vida da população. O sonho da imortalidade e o elixir da juventude, nunca antes haviam sido tão perseguidos como em nossos tempos. A morte é adiada e muitas vezes esquecida e só a decadência biológica denuncia que o prolongamento da vida será apenas um parêntese no curso natural da vida. O reconhecimento da inevitabilidade da morte é notória, mas os recursos para retardá-la aliviam a angústia dessa certeza (Elias, 2001, p.30).

No que se refere ao prolongamento do evento da morte, Sêneca certamente discordaria de Elias, pois refletir sobre a morte não deve ser motivo de medo, mas uma ferramenta para nos

lembrar da urgência de viver com propósito. A consciência da finitude da vida nos motiva a agir eticamente e a valorizar o tempo como o recurso mais precioso que possuímos, e digamos o único que não pode ser recuperado. Portanto, os que vivem distraídos em buscar um dia a mais para prolongar a vida ou tentar escapar da morte, nada mais buscam do que não aceitar uma verdade incontornável, a certeza da morte.

Na continuidade da carta 58, no parágrafo 34, nos deparamos com o pensamento de Sêneca que se relaciona como o término da vida usando o recurso pela via do suicídio. Há que se dizer que também para os estoicos, não seria honroso dar seguimento a uma vida que não mais representa a sua plena função. Diz Segurado e Campos: “Sêneca é, em certa medida um apologista do suicídio, até porque é talvez a única situação em que o homem se pode mostrar total e absolutamente livre” (p. XLVII).

No entanto, é necessário esclarecer que o suicídio defendido pelo autor não se reveste de uma decisão sem motivos contundentes. Não há em Sêneca uma forma deliberada de utilização do ato do suicídio, para que o homem se liberte de circunstâncias fortuitas da vida. Como esclarece Segurado e Campos: “por isso, Sêneca só aceita o suicídio, por exemplo no caso de uma doença incurável, se a doença é de molde a obnubilar a razão, mas já não o aceita se o *objectivo* for unicamente o de evitar a dor física” (p. XLVII).

Vale salientar que o pensamento de Sêneca no que diz respeito ao suicídio, também está ligado as questões políticas, onde o homem não consegue mais viver com dignidade, isto é, não possui condições de conduzir sua vida em obediência aos valores morais. O próprio Sêneca experimentou em sua vida tal ato, quando foi sentenciado a morte por suicídio pelo imperador Nero.

Na carta 104 parágrafo 4, Sêneca faz uma declaração elogiosa aos velhos que agem para atender os interesses dos outros, nesse relato indica que não são poucos os que se ocupam dessa responsabilidade. Nessa carta, encontramos uma máxima relevante para definir o papel social do velho para os familiares. Embora notemos ainda que independente da situação que se viva na fase da velhice (seja na doença, na fragilidade e no sofrimento) o ser humano pode tirar coisas boas dessa situação. E tomando posse das palavras de Smith (2014): “o adulto plenamente racional deve se preocupar com sua vida racional, e não biológica” (p. 361).

Na busca por um sentido ético para a velhice, as palavras de Sêneca na carta 104 parágrafo 4, nos respondem parcialmente a esta pergunta, quando nos relata que: “considero ainda prova da maior consideração pelo próximo o facto de cuidarmos com maior atenção da nossa velhice (desta velhice cuja principal vantagem é o acréscimo de segurança e de ânimo

com que encaramos a existência)”. Essa definição de velhice difere da que encontramos na carta 26 e nos fornece uma substancial complementação do que seria velhice para o autor.

Sendo assim, a vantagem dessa existência prolongada se encontra subordinada à condição segundo o autor: “caso verifiquemos que a nossa presença é agradável, útil, preciosa para qualquer familiar” (Carta 104.4). Essa constatação: o velho que torna coesa a organização familiar, justifica que sejam dispensados cuidados para manter a sua saúde. Devido a relevância observada na definição dada à velhice e sua função social, trataremos posteriormente com mais profundidade desta definição no capítulo três deste trabalho.

CAPÍTULO II

2. SABEDORIA ACUMULADA: a velhice e o tempo da ação ética.

Para os estoicos, e também para Sêneca, se aconselha a viver de acordo com a natureza. O homem é um animal, mas, possui a propriedade de utilizar a razão (“bem específico do homem”), para orientar as suas ações. Quando em caso de idade muito avançada, onde há fragilidade extrema (decrepitude), agir de acordo com a razão é muito mais um exercício mental.

Para Sêneca, existe o conceito inferior de viver de acordo com a natureza que colocaria o homem em pé de igualdade com os outros animais, seria a satisfação das necessidades naturais: como comer, beber e, portanto, conservar a sobrevivência. Passando a um estágio superior, existe no homem algo de específico, a se dizer a razão, que o coloca num patamar elevado, ou seja, viver de acordo com a razão é se colocar no papel que foi designado pelo cosmos para ser ocupado pelo homem (Segurado e Campos, 2004, p. XXV-XXVI).

Assim, deve-se enaltecer o que pertence ao homem que não pode ser tirado ou dado, que é a sua própria posse: “se um homem consegue a realização do fim para que nasceu, o seu bem específico atinge a consumação. A razão não exige do homem mais do que esta coisa fácilima: viver de acordo com a natureza!” (Carta 41.8).

Sêneca recomenda os preceitos que devem ser seguidos para que se viva uma vida autêntica, onde os homens se libertem dos vícios que impedem a ascensão à virtude. Há que se compreender que a riqueza nem é um bem e nem é um mal; que a dor não dura para sempre; que a morte nos atinge apenas uma vez, que a ela estamos sujeitos pela lei da natureza que nos rege: afinal somos mortais. Nesses momentos de dor, suportar com coragem e entender que se conseguirmos enfrentar com firmeza essas situações, estamos nos sujeitando as leis do universo (Carta 94.7).

2.1. A velhice e os *indiferentes*

Para Sêneca, os indiferentes (*indifferentia/adiaphora*) são tudo aquilo que não é virtude (o supremo bem) nem vício (o único mal). Assim, os indiferentes podem ser classificados como: indiferentes preferidos, como saúde, riqueza, reputação, porque tornam a vida mais agradável. E em indiferentes não preferíveis, tais como: pobreza e doenças, situações que prefere-se evitar. Para Wildberger (2014), “assim, o sábio escolhe os indiferentes preferidos — como saúde,

riqueza, ou status — somente quando esses auxiliam seu propósito de viver de acordo com a razão e a virtude, e rejeita aqueles que a contradizem” (p. 316).

Na velhice, os indiferentes preferíveis (especialmente a saúde física) começam a ficar escassos, nesse momento o homem sábio deve ter aprendido a viver sem depender deles. Os indiferentes não adicionam, nem retiram nada da perfeição moral de uma alma. A verdadeira fortaleza se encontra em conviver com os seus bens internos, isto é, com ele mesmo. “O supremo bem não vai buscar instrumentos auxiliares fora de si mesmo; está concentrado em si, reside inteiramente em si; se for buscar ao exterior alguma parte de si, principiará a submeter-se à sorte” (Carta 9.15).

Ter consciência da condição humana de transitoriedade, deve fazer com que os homens verifiquem que:

(...) não é feliz a vida que obedece ao prazer mas sim a que obedece à natureza, quando tiver passado a abraçar, como único bem próprio do homem, a virtude e a evitar como único mal o vício, quando tiver percebido que tudo o mais - riquezas, honras, saúde, força, poder - ocupa uma posição intermediária, sem ser, em si mesmo, nem um bem nem um mal, então ele não precisará de conselheiro (...) (Carta 94.8).

Saber julgar o devido lugar que ocupa os *indiferentes*, torna-se portanto, compreender que existem uns *indiferentes* que são desejáveis e que outros (além de não contribuírem para a firmeza da alma) atrapalham a jornada de quem escolheu trilhar o caminho da razão. Como aponta Wildberger (2014):

Por fim, Sêneca reconhece a complexidade do modo como o sábio interage com o mundo: ele não é indiferente no sentido de insensível ou apático, mas sim capaz de manter sua tranquilidade e felicidade independentemente dos acidentes externos, escolhendo sabiamente o que deve ser preferido e o que deve ser rejeitado, sempre em conformidade com a natureza (p. 317).

É necessário entender o que é bom, o que é mau e o que é indiferente e, conseqüentemente escolher sempre o bem. Vale ressaltar que Sêneca não despreza por completo os indiferentes que possuem valor relativo, apenas advoga que o homem sábio não necessita deles para ser feliz.

O viver de acordo com a natureza de Sêneca é formulado com detalhes na carta 45.9, nos seguintes termos:

“(...) ‘homem feliz’ não é aquele que o vulgo entende por tal, ou seja, um homem de grandes recursos monetários; é, sim, aquele para quem todo o bem reside na própria alma, é o homem sereno, magnânimo, que pisa aos pés os interesses vulgares, que só admira no homem aquilo que faz a sua qualidade de homem, que segue as lições da natureza, se conforma com as suas leis, e vive segundo o que ela prescreve; é o homem a quem força alguma despojará dos seus bens próprios, o homem capaz de fazer o próprio mal um bem, seguro do seu pensamento, inabalável, intrépido; é o homem a

quem a força pode abalar, mas nunca desviar da sua rota; a quem a fortuna, apontando contra ele as mais duras armas com a maior violência, pode arranhar, mas nunca ferir, e mesmo assim raramente, porquanto os dardos da sorte, que afligem em geral a humanidade, fazem ricochete contra ele à maneira do granizo que, batendo no tecto, salta e se derrete sem causar qualquer dano ao ocupante da casa”.

Desde a primeira carta, é fato costumeiro que o autor deixe uma máxima para a reflexão de Lucílio antes de dar por finalizada a sua escrita. Observamos que no corpo epistolar do primeiro livro, Sêneca sempre indica máximas de Epicuro. Nestes termos, na carta 12 parágrafo 10 continua citando-o “*É um mal viver na necessidade, mas não há qualquer necessidade de viver na necessidade*”. O bem específico do homem, isto é, ‘o uso da razão o qualifica a definir as condições pelas quais pode se libertar das ‘necessidades’’. Sêneca se apropria das ideias de Epicuro para convencer Lucílio a se tornar estoico.

No parágrafo 11 da carta 12, relata sobre a indagação de Lucílio “*Essa frase é de Epicuro; para quê recorrer à propriedade alheia?*”, Sêneca adverte que para além da repetição e da notoriedade do pensamento, os ensinamentos corretos devem ser do pertencimento de todos. No que se refere as citações de autoria de Epicuro que Sêneca faz uso nas *Epistulae*, nos aponta Setaioli:

“Epicuro é de fato o filósofo mais frequentemente citado, embora sua presença diminua após os três primeiros livros, nos quais a maioria das cartas termina com uma “citação memorável” emprestada dele. Como Sêneca deixa claro, essas cumprem uma função propedêutica; ainda mais importante, embora deva ser reconhecido por rejeitar o desprezo generalizado por Epicuro, interessa-se apenas por algumas ideias éticas deste, totalmente destacadas de seu contexto filosófico” (p. 197).

Para além do debate existente entre os comentadores da obra de Sêneca sobre a anexação de máximas de pensadores de outras escolas filosóficas, como Epicuro e Platão, entre outros, nos afirma Setaioli: “Assim como não há um ‘Sêneca epicurista’, também não há um ‘Sêneca platônico’, embora essa visão tenha sido repetidamente defendida. Sêneca foi certamente sensível ao platonismo, mas não o adotou” (p. 197).

Para Sêneca, a velhice é um indiferente preferível, porque traz a redução dos desejos desenfreados e das paixões intensas. “Como é bom já ter cansado os nossos desejos, tê-los abandonado” (Carta 12.5). A velhice é o momento onde se percebe o declínio do corpo, porém a sua mente: “Mostra-se exultante, e discute comigo o problema da velhice, a qual diz ser para ele ‘a flor da idade’! Acreditemos nele, deixemo-lo gozar os seus bens específicos” (Carta 26.3). É um momento de maior calma e sabedoria. “Agora ordena-me que medite, que saiba discernir, neste meu actual estilo de vida tranquilo e modesto, a parte que cabe a filosofia e aquela que

cabe à idade (...)" (Carta 26.3). Ela oferece vantagens que a tornam superior à juventude se soubermos conduzi-la. "se a soubermos usar, a velhice é uma fonte de prazer" (Carta 12.4).

2.2. Serenidade e a morte no tempo da ação ética

No que se refere ao tempo na carta 1, Sêneca afirma que "nada nos pertence, Lucílio, só o tempo é nosso". Com esta afirmação Sêneca busca ensinar ao seu discípulo que o tempo presente é o momento da ação ética (Sodré, 2023 p. 176), onde realmente podemos pôr em prática as nossas virtudes.

No mais, relata sobre o tempo desperdiçado, o tempo passado (onde nada mais pode ser revisto) e tempo futuro que guarda em si a incerteza de sua concretização (e não direciona nada que seja sólido) para se dar crédito. O homem que já alcançou a sabedoria sabe dispor bem do tempo. A reflexão sobre o tempo anuncia que a vida humana é irreversível.

Segundo o autor, a carta 1 continua com o tema da velhice muito bem marcado, seguido do tema da morte. Segundo o nosso autor, não deve ser temida e sim enfrentada com serenidade. O tempo, que pode ser dividido em parcelas que podem ser curtas com um dia, um mês, um ano ou um conjunto que subdivide em fases da vida humana, como a infância, a adolescência, e finalmente a morte. Mas, o que realmente está sendo discutido é a finitude de tudo. Cabe ao homem que busca a virtude saber aproveitar o tempo que lhe foi doado e dele poder dar conta com tranquilidade.

Ainda sobre o tempo no seu tratado *Sobre a brevidade da vida*, Sêneca (2017, p. 9) adverte que: "não dispomos de pouco tempo, mas desperdiçamos muito. A vida é longa o bastante e nos foi generosamente concedida para a execução de ações as mais importantes, caso toda ela seja bem aplicada". É recorrente na obra de Sêneca a exortação para que se aproveite bem o tempo, há que se ter clareza de pensamento para refletir que o tempo precisa ser aproveitado com sabedoria.

Em concordância com outros comentadores nos afirma Setaioli descrevendo a reflexão de Sêneca sobre o tempo: "cuja fugaz transitoriedade deve ser vencida por meio da apropriação do tempo como um presente ideal, arrebatado da contingência. Quando se alcança a perfeição moral, um momento não difere da eternidade" (Setaioli, 2014, p. 192). Donde extraímos que não se vive pouco, apenas devemos nos apropriar do tempo que realmente temos para viver uma vida virtuosa. Sêneca confessa a Lucílio que se insere na lista dos que na sua existência não aproveitaram bem o tempo e viveram mal, mas que soube pelos menos, no momento decisivo morrer bem.

O parágrafo 6 da carta 12, começa com Sêneca “Mas é penoso - dirás - ‘ter a morte diante dos olhos’”. E utilizando-se desta afirmação, exorta a Lucílio que pense sobre como a morte não é exclusiva para os velhos e sim um fato que pode acontecer também com os jovens. Para exemplificar seu ensinamento, cita que “não há ninguém tão velho que não tenha direito a esperar um dia mais”. Segundo Edwards (2014): “O medo da morte, para Sêneca, lança sobre a vida humana uma sombra terrível. Aceitar a morte é a lição mais difícil, mas a mais importante para aqueles que buscam a felicidade do sossego filosófico” (p. 323).

Ainda no parágrafo 6, ocupa-se em colocar o tempo para explicar a nossa existência, ou seja, todo o tempo que fica representado desde o nascimento à morte, os anos da adolescência, os anos da infância; os anos como unidade de tempo, um mês como círculo menor, um dia como representação ainda mais curta, mas pondera que mesmo o dia que é curto “tem um princípio e um fim, uma origem e um termo”. No que se refere ao tempo nos elucida Edwards (2014): “(...) para a correta conceitualização do tempo é encorajar uma mudança em como o tempo humano deve ser compreendido, do linear para o circular, do existencial para algo que se aproxima do cósmico (p. 325).

No decorrer da carta 12 no parágrafo 7, encontramos Sêneca citando Heráclito, afirmando que o filósofo deveu sua fama à sua linguagem obscura, “*que qualquer dia é igual a todos os outros*”. O autor explica que outros também expressaram esta ideia. Para entender o que Sêneca pensa sobre esta unidade de tempo, nos diz Edwards: “Para Sêneca, o dia único é a unidade de tempo mais adequada a uma abordagem filosófica da vida” (Edwards, 2014 p. 327).

Sêneca adverte a Lucílio, o que ele toma como orientação para ele mesmo, que não convém ao homem sábio pensar na idade que possui, pois não se sabe em qual momento a morte se apresentará. O conselho que profere é que seu discípulo esteja preparado para recebê-la, é oportuno pensar nas palavras do autor quando diz na carta 30.17: “Por isso, se devemos temer a morte, então devemos temê-la sempre, porque em qualquer idade estamos sujeitos a ela”.

Os aspectos da análise de Sêneca que dizem respeito a finitude humana, se concretizam em afirmar que a iminência da morte torna o tempo valioso e, portanto, o desejo da eternidade, tão precário. É ao nos lembrarmos da iminência da morte que podemos refletir sobre o uso que se faz do tempo: “O maior obstáculo à vida é a expectativa, que fica na dependência do amanhã e perde o momento presente. Tu dispões o que está nas mãos da Fortuna, deixas de lado o que está nas tuas” (Sêneca, 2017 p. 19). Viver o dia presente, sem, colocar o homem a pensar na incerteza de dias futuros. Adverte Sêneca: “Vive de imediato!” (Sêneca, 2017 p. 19).

No segundo livro da obra, na carta 13 parágrafo 17, encontramos Sêneca novamente citando uma máxima de Epicuro que, segundo ele, não seria facilmente reconhecida a sua

autoria. Há no pensamento uma exortação aos homens que já atingiram a velhice, para que se abstivessem de empreender novas atividades nesta fase da vida. A colocação do autor se dar diante de uma pergunta: “Que há de mais repugnante do que um velho iniciando uma nova vida?”

Diante da inconstância dos velhos que se dispõem a sempre se pôr a começar a vida, quando deveriam estar com elas a ponto de terminar, nos adverte Sêneca: “que estúpido esquecimento da condição mortal adiar para os cinquenta e os sessenta anos as decisões sensatas, e então querer começar a vida num ponto até o qual poucos chegaram!” (Sêneca, 2017, p. 13). Os homens sensatos devem chegar na velhice com a vida resolvida: “De fato, Sêneca acredita que a maior imperfeição de uma vida está em permanecer inacabada e, portanto, reservar tarefas vitais para o futuro” (Torres, 2013 p. 26).

Para Sêneca, se preparar para a morte é um mecanismo de se manter mentalmente no presente. Os homens sendo novos ou velhos, devem ter a consciência tranquila, diante do único evento do qual não se pode fugir. Se preparar para a morte, deveria ser um exercício diário para todos os homens durante toda a vida. Recomenda que “saber esperar a morte a qualquer momento e em qualquer lugar, livre de toda ansiedade e sem qualquer impaciência. A atualização incessante da realidade da morte em nosso presente permite que abandonemos gradualmente, mas rapidamente, a preocupação excessiva com a vida” (Torres, 2013 p. 26).

É, latente, a preocupação de Sêneca, em incentivar a Lucílio que inicie com mais rapidez possível os estudos filosóficos, pois segundo ele a tarefa é difícil, e nada garante que mesmo com bastante esforço, se consiga atingir a sabedoria mesmo estando em idade avançada. O aconselhamento é o mesmo da emergência do seu projeto filosófico, buscar a sabedoria ainda nos dias da juventude.

Nem sempre tornar-se velho é tornar-se sábio, nos diria Sêneca. Vale ressaltar que a velhice (vista como um estado de maturidade da vida e fonte de sabedoria que pode orientar as futuras gerações) está presente em diversas sociedades. Os povos originários do Brasil, são um bom exemplo desse tipo de pensamento. Nos afirma Munduruku em entrevista dada ao site Previ no ano de 2023: “A criança, a gente costuma dizer, é aquela que tudo pode. O velho é aquele que tudo sabe. No velho está a criança. Mas na criança ainda não está o velho. Ela tem de passar por cada estação para chegar lá.”

Para Sêneca, a sobriedade pode auxiliar a prolongar a vida até a fase da velhice, e como tal, cita o exemplo de Platão que foi um homem que atingiu a longevidade, chegando aos seus oitenta e um anos de vida. Sendo elogiado por ter uma vida mediada pela moderação dos desejos e um extremo cuidado consigo próprio. Para introduzir um assunto que diz respeito ao

prolongamento da vida durante a velhice, pondera na carta 58.32 “(...) devemos nós minimizar a última fase da velhice e, em vez de aguardar o nosso fim, apressá-lo com as próprias mãos?”

Ainda na carta 58.32, Sêneca está questionando se a pessoa idosa se encontra em condições de discernir, isto é, se goza do perfeito uso de sua razão, para escolher se continuar vivo seja um indiferente desejável. E paralelamente, questiona que o apego demasiado a vida, toma da pessoa a condição de decidir se deve ou não continuar viva. Nos cabe também relatar que essa decisão, de continuar a viver ou não, segundo o autor, precisa de celeridade de análise, pois se, houver indecisão ou morosidade, pode-se perder o momento oportuno de tomar essa decisão.

Ademais, pensar em prolongar a vida de uma alma exausta presa em um corpo débil, é para Sêneca um vício de uma pessoa tola, que a despeito de qualquer sofrimento ou limitação, tenta prolongar sua vida por mais um dia, para assim tentar escapar da morte. Há uma metáfora empregada por Sêneca que se refere a sorver as borras do vinho até o seu completo consumo, como forma de vício alcoólico e não para saborear a bebida (Carta 58.32). Nada mais apropriado para se pensar sobre a instabilidade vivida pelos homens, que apesar de mortais, vivem uma vida inautêntica, distanciada da certeza da sua mortalidade.

A conclusão do tratado sobre a *Brevidade da Vida*, nos auxilia a pensar sobre como os homens fogem da certeza da morte, criando um distanciamento que expressa a vida antiética que vivem. Nos aponta Sêneca:

Ninguém tem a morte diante dos olhos, todos estendem longe as esperanças, alguns até mesmo dispõem as coisas para depois de sua vida: sepulcros grandiosos, dedicatórias em obras públicas, oferecimento de jogos fúnebres e exéquias ambiciosas de glória. O certo é que os funerais dessas pessoas, como se estivessem vividos muito pouco, deveriam ser conduzidos sob fochos e círios (Sêneca, 2017 p. 36).

Nesta citação, observamos a insensatez dos homens que apesar de viver uma vida mortal, se comportaram como se imortais fossem: “a ideia central do ensino da ética para Sêneca é a coragem reflexiva diante da morte (*meditatio mortis*)”. “Aqui nós temos a coragem e a reflexão com os principais valores que devem ser cultivados aqueles que buscam desfrutar de uma vida ética”(Sodré, 2023, p. 178).

Portanto, há na filosofia de Sêneca um constante aconselhamento sobre a meditação e a preparação para a morte, pela sua característica de ser inevitável e universal para tudo que compõe o cosmos. Na carta 61.3, aconselha a Lucílio “pensem sem amargura no nosso próprio fim”.

Para Segurado e Campos (2004) esse tema ecoa com bastante frequência nas cartas e segue-se o apelo à *meditatio mortis*, que nada se aproxima de um exercício mórbido, permeado

de tristeza e sofrimento. A morte deve ser encarada como a possibilidade de se chegar ao fim com a serenidade dos que conseguiram transformar o prazer (*voluptas*) em alegria (*gaudium*).

Retomando a carta 1.1, Sêneca adverte seu discípulo a aproveitar o tempo: “durante grande parte da vida agimos mal, durante a maior parte não agimos nada, durante toda a vida agimos inutilmente”. Há uma relação entre o tempo e a morte que não está relacionada com os anos vividos pelos seres humanos, mas como a vida foi vivida.

Na sequência da carta 61.4, Sêneca firmemente diz: “para que a vida seja suficiente, o que conta não são os anos, nem os dias, mas a qualidade da alma. Eu já vivi o suficiente, meu caro Lucílio. Posso aguardar a morte plenamente saciado”.

Sêneca define que a velhice é “um facto, não nos abala e derruba de um só golpe, vai-nos corroendo, vai, cada dia que passa, roubando um pouco às nossas forças” (Carta 26.4). A exortação dada a Lucílio versa sobre como ir morrendo aos poucos é uma forma melhor de morrer. Mas, como a morte é um fim natural do homem, também não pensa ser mal que se morra subitamente, apenas afirma que “ir perecendo a pouco e pouco é um modo mais suave de morrer” (Carta 26.4). Todos iremos morrer, nos indica as leis do universo, não se sabe como, e nem deve ser uma preocupação central como isso vai se dar. O primordial é não temer a morte.

Formular mentalmente eventos que nos parecem tenebrosos, parece-nos uma maneira de amenizar o seu efeito danoso. Portanto, meditar na morte se inscreve em tirar dela o poder de nos amedrontar, adverte Sêneca a Lucílio: “a morte tem um caráter de inexorabilidade igual para todos, inflexível; quem poderá queixar-se de existir em condições que são idênticas para todos? O primeiro elemento da equidade é a igualdade” (Carta 30.11).

A carta 26 nos parágrafos 8, 9 e 10, são frutuosa em aconselhar a Lucílio a “meditar na morte” ou a “atribuir a maior importância à aprendizagem da morte”. Aprender para a morte não é supérfluo, pois mesmo que se morra apenas uma vez, a ocasião é tão importante que deve levar a pessoa a meditar sobre ela, ou seja, a aprender continuamente o ensinamento sobre o qual nunca se pode ter certeza de que o aprendeu definitivamente. “A *meditatio mortis* é o caminho da verdadeira e completa liberdade. De fato, o temor da morte é aquilo que em primeiro lugar nos reduz à escravidão” (Alonso, 2020 p. 62). Donde se compreende que o homem que se libertou do medo da morte, está desprendido das amarras que o prendiam à vida.

Sêneca adverte que o homem que aprendeu a morrer, está livre da servidão. Não se encontra mais subjulgado pelas circunstâncias da vida, pois, não cultiva o apego demasiado pela vida: “Meditar sobre a morte é meditar sobre a liberdade, pois aquele que aprende a morrer se liberta dos laços mundanos que arruinam a alma. O amor pela vida é um sentimento digno, mas deve

ser corretamente limitado e colocada a serviço de exigências mais elevadas” (Torres, 2013 p. 25).

Para Sêneca (2017 p. 20), os que não se preparam para a morte, chegam a velhice como insensatos: “seus espíritos pueris são oprimidos pela velhice, à qual eles chegam desavisados e indefesos. De nada se precaveram: caíram de súbito e desprevenidos, sem terem percebido que diariamente ela se aproximava”. Portanto, é essencial meditar na morte e preparar-se para ela. Nos lembra Torres (2013): “O tema da morte na obra de Sêneca não é apenas relevante, mais essencial, medular, uma vez que a antecipação imaginativa dela supõe sérios impedimentos ou graves inconvenientes para o aprimoramento moral da pessoa” (p. 25).

Na carta 30.3, revela as condições que se encontrava Aufídio Basso. Um velho, que apesar da composição sempre débil do seu corpo, procurou se manter firme diante dos desafios que enfrentava nos dias da sua velhice. Diz Sêneca, “o nosso Basso, contudo é homem de ânimo forte: a filosofia dá-lhe a possibilidade de manter a alegria com a morte diante dos olhos, de estar forte e contente seja qual for o estado físico, de não perder a força da alma quando se esvai a do corpo”. O autor o considera como um homem sábio, que aprendeu a enfrentar “as intempéries” da vida com a fortaleza da alma.

O argumento de Sêneca de que quem aprendeu a superar o medo da morte pode realmente morrer bem, aparece muito bem adequado ao elogio que faz a quem enfrenta com coragem as doenças advindas com a velhice. Seu amigo Basso, por exemplo, sobrecarregado pelas enfermidades da velhice, é elogiado longamente por ver a morte se aproximando e aceitá-la (Carta 30.9). Exemplos como esse, de bravura diante da iminência da morte, são profícuos em ensinar a aceitar o que é inevitável, a morte.

Assim como já descrito na carta 30, Sêneca falava de Aufídio Basso como sendo um exemplo digno de elogio, por suportar as debilidades do corpo e ter mantido a firmeza da alma. Segue falando de outro amigo o seu condiscípulo Clarano, que possuía as mesmas qualidades da alma, sendo ela firme e vigorosa, apesar de ser depositada em um corpo igualmente débil. Há no relato a descrição da fragilidade humana que se verifica na velhice, mas também, nota-se a autossuficiência deste homem (Carta 66.1). Forte o bastante para desprezar a condição frágil do seu corpo e determinado a não dar importância a nenhum fato que lhe ocorresse na vida.

Para Sêneca, não há uma idade correta para se buscar os estudos, porém, adverte que essa atividade se concentre nos dias da juventude, numa clara exortação de que é nesta fase da vida que se deve acumular conhecimentos. Na velhice, o autor declara que se deve fazer uso dos conhecimentos adquiridos. A aprendizagem das “artes liberais” não colabora para a busca

da virtude, portanto na velhice não se deve empregar esforços em buscá-las. Encontramos na carta 88.1, o que o autor revela sobre as artes liberais: “são conhecimentos subsidiários, úteis apenas enquanto servem de preparação ao intelecto, mas desde que não sejam a sua única ocupação”.

O velho Sêneca, se dispõe a munir seu discípulo com a maior quantidade de livros que seja possível, mas recomenda que se detenha em aprender a fundo o conteúdo necessário para a sua formação filosófica. Portanto, se o empenho está em buscar a virtude, não há a necessidade de se desperdiçar tempo lendo obras diversas. Segundo Sêneca, “Demasiada abundância de livros é fonte de dispersão, assim, como não poderás ler tudo quanto possuis, contenta-te em possuir apenas o que possas ler” (Carta 2.4). O proveitoso é que essas leituras concentradas em poucos autores, ajudem a edificar na sua alma a virtude.

A sugestão de leitura toma como base a “encarar a indigência, a morte, ou qualquer outra calamidade; quando tiveres percorrido diversos textos, escolhe um passo que alimente a tua meditação durante o dia. O que está sendo ensinado a Lucílio é o exercício de manter a constância nos estudos e aprendê-los em profundidade, fazer deles fonte para enfrentar as dificuldades da vida, não há tempo para ser perdido com sutilezas que não ajudam a fortalecer a alma. “Aquele que precisa dos ensinamentos dos sábios, que vai à escola de um filósofo, busca correção e progresso, não diversão” (Torres, 2013 p. 34).

Sêneca, como um mestre que molda seu discípulo, e com isso pretende influenciar a outros, busca ensinar que não se deve valorizar a quantidade de anos vividos, pois eles podem simplesmente ter sido uma jornada infrutífera. Nos aponta Sêneca: “Então, não há motivo para pensares que alguém viveu longamente só por causa dos cabelos brancos ou das rugas: ele não viveu longo tempo, mas existiu longo tempo” (Sêneca, 2017, p. 18) Apressa-te em aprender a viver bem, para que quando estiveres diante da morte, independente da sua idade cronológica, estares tranquilo sabendo que viveste uma vida plena. Portanto, não conta os anos vividos, mas, a qualidade da vida.

A presença da morte para os homens que embora sejam mortais, vivem uma vida irrefletida na busca incessante dela fugir, se apresenta na condição de que ela não é a velhice, pois se assim fosse não se morreria quando crianças e até mesmo ainda dentro ventre materno. A velhice não é uma doença, pois muitos que sofrem com os seus efeitos conseguem se recuperar, mas há que se esclarecer que nem nesses episódios, não escaparam da morte, apenas sararam daquela enfermidade. Há ainda, os que estão moribundos e, mesmo assim, podem assistir a outros que os precederão no ato de encontro com a morte. Portanto, não sabemos se o dia de hoje será o último, então que não se faça planos para uma vida longa.

CAPÍTULO III

3. PRESENTE VIVIDO COM PLENITUDE: a velhice e o sentido da vida.

A velhice é o momento privilegiado onde, o homem que cultivou desde os dias da juventude a busca por uma vida virtuosa, poderá sem sobressaltos desfrutar de uma vida serena. Para Sêneca, a velhice não deve ser temida, mas sim vista como uma fase natural da vida, rica em oportunidades para a prática da virtude acumulada durante os anos e o aperfeiçoamento da sabedoria. É justamente neste momento, que o homem faz um balanço do que conseguiu realizar com a sua existência, sendo plenamente consciente da sua condição de fragilidade corporal, da sua transitoriedade e da sua finitude.

Sendo assim, é na materialidade da velhice que a consciência da finitude se torna mais aguda, onde a concretização da mortalidade humana se apresenta de forma indiscutível, onde a manifestação da mortalidade deve servir de motivação para usar o tempo restante de forma virtuosa e consciente. O sábio em vez de lamentar as perdas físicas, ou seja, a debilidade corporal, deve investir o tempo em atividades intelectuais, no estudo da filosofia e na reflexão sobre a sua própria vida.

Portanto, a velhice não deve ser encarada como uma fase de perdas, mas sim, como uma condição natural do ser humano. O que se busca é inculcar na sociedade uma sensibilidade ética para essa situação. Menezes, nos elucida bem a busca por uma ética que equipare as fases da vida, pois a vida e o cidadão devem ser respeitados nas suas especificidades:

A questão básica e prioritária é perceber a velhice como uma etapa final natural da existência e, o velho, o protagonista principal, não necessariamente como coitado, um miserável, gerando sentimento de pena e de paternalismo por parte das pessoas. Não se trata também de supervalorizar e louvar o velho e a velhice, trata-se apenas, da sensibilidade de uma sociedade e, de uma ética de solidariedade em reconhecer que os valores singulares humanos não se encontram na potência, no vigor e na beleza física, mas sim, na dignidade humana (Menezes, 1999, p. 273).

Nesta citação encontramos um ponto de encontro com o pensamento senequiano, pois a velhice como fenômeno ético, é a expressão mais notável da finitude e da fragilidade próprias à condição humana. Que meramente exprimem a debilidade do corpo, mas exaltou a autonomia de quem é protagonista da sua vida. Portanto, é na velhice construída sobre os “pilares” da sabedoria, que encontramos o verdadeiro sentido da vida quando em idade avançada.

Sendo assim, a velhice é o momento, onde o ato de contemplação e o exercício da razão são propícios, pois os desejos e buscas da juventude estão mais limitados, tanto pelo processo de enfraquecimento do corpo, quanto pelo exercício dado a alma para galgar um lugar onde a

virtude se materializou pelo estudo da filosofia. A calma e a experiência necessárias para viver plenamente, foram conquistadas pela aprendizagem constante de viver de acordo com a natureza. Natureza essa, que se torna um deleite para o homem que em idade avançada tomou posse dessa virtude desde a juventude e conquistou uma vida plenamente ética.

Para Wildberger (2014), viver de acordo com a natureza “(...) compreender sua própria natureza, isto é, aquilo que ele foi feito para ser: um homem com razão perfeita. Ele precisa desse autoconhecimento para alcançar a única coisa que pode torná-lo feliz: ser aquilo que é por natureza” (p. 314). Portanto, o homem sábio é aquele que sabe que vivendo de acordo com a natureza, não necessita de mais nada do que ele próprio para ser feliz. E para a pessoa idosa isto é mais claro pois, a depuração que realizou em sua alma, permite que não haja distrações em suas escolhas.

Contudo devemos afirmar que a autossuficiência deste homem sábio, não deve ser confundida com o total desinteresse pelas coisas externas a ele, mas que essas coisas externas, não possuem a capacidade de determinar o seu estado de felicidade. Realmente, o homem sábio carrega consigo tudo que necessita para ser feliz: “ele não deseja nada além de ser aquilo que é, e está contente consigo mesmo porque percebeu que ele mesmo, ou seja, sua mente perfeita e virtuosa, é a melhor coisa que ele jamais poderá ter” (Wildberger, 2014, p. 314).

Donde se compreende que o desejo de Sêneca se relacionava com a instrução filosófica de seu discípulo e amigo Lucílio, tomava forma na decisão de que ele tomasse posse de si mesmo, como nos descreve na carta 32.5:

O que eu te desejo é o domínio sobre ti mesmo, é que teu espírito, atormentado por pensamentos inconstantes, acabe por se afirmar e ganhar convicções sólidas, e se sinta contente de si mesmo; é, em suma, que, uma vez compreendida a natureza do verdadeiro bem (e compreendê-la é possuí-la!), o teu espírito não careça de prolongar a sua existência.

Concordamos com Wildberger, quando menciona que o tema geral das cartas a Lucílio é a virtude. “O valor da virtude é sempre o mesmo e de tal natureza diferente que os estóicos sustentam que a virtude não apenas é suficiente para alcançar a felicidade, mas é a única coisa que torna uma pessoa feliz” (Wildberger, 2014, p. 305). É corrente entre os estoicos, e não é diferente para Sêneca, que o homem que alcançou a virtude conquistou o supremo bem.

Esse supremo bem que durante a velhice encontra a perfeição de sua aplicação, não como sendo um atributo conquistado pelos anos vividos ou simplesmente pelos aspectos corporais que lhe são característicos, durante esta fase da vida. A virtude para ser conquistada, exige um trabalho árduo para se aprender a viver bem. Não é a velhice em si que garante a

sabedoria, antes há a necessidade de esforço, e determinação, para que a vida deste velho deixe exemplos que sejam dignos de serem seguidos pelas futuras gerações.

O velho virtuoso é aquele que venceu os atos infantis e consegue viver plenamente sabendo como agir em todas as situações, mesmo sendo elas adversas. Sua conduta moral o elevou a um patamar onde não há medo da morte, nem tampouco desconhece a função que deve desempenhar na vida. Sua alma virtuosa lhe permite enfrentar a morte com coragem, afinal este momento está reservado para todos os homens e para tudo que vive. Quanto aos desafios impostos pela vida, os encara com a tranquilidade de quem tomou as suas “rédeas” nas mãos.

3.1. O sentido da vida

O homem sábio não se agarra a vida com a avidez dos homens insensatos, mas sabe como medir a relevância de permanecer vivo. Sêneca, na carta 78.2, relata que: ao enfrentar os desafios de um corpo frágil e doentio, pensou em dar um fim a sua própria vida. Porém não o fez, porque pensava no sofrimento que esse ato poderia impor ao seu pai já em idade avançada. Eis que a alegação de que viver sobre o julgo da fragilidade do corpo, para proteger o pai do sofrimento, nos remete a pensar na relevância dos laços familiares para definirem as atitudes que geram os cuidados com o corpo e a manutenção da vida.

O homem sábio nos dias da sua velhice, não está mais ávido em buscar os ensinamentos que devem guiá-lo pela jornada da vida. Tudo que deveria ser acumulado na busca pela sabedoria, já foi assimilado e posto em prática. É na velhice que se colhem os frutos da aprendizagem filosófica e dos estudos que se empreendeu nesse trajeto, os homens na velhice devem estar preparados para serem uma “fonte” de sabedoria e proferir palavras de conselho para os mais jovens.

Para Segurado e Campos, a sabedoria seria “o conceito que o filósofo faz do que seja o homem superior, que mais não é do que o homem autêntico, o homem na sua completude ontológica e ética” (Segurado e Campos, 2004, p. XXXVII-XXXVIII). Adverte subsequentemente que a busca pela sabedoria seria o estado superior que se dá o nome de *tranquillitas animi* (tranquilidade da alma), que também podemos relacionar diretamente com “felicidade” que é o estado de vivência onde as paixões são bem governadas. Reflete e nos questiona com a seguinte pergunta: “E não é, afinal, a obtenção da serenidade - a *tranquillitas animi* - o fim último da sabedoria?” (Segurado e Campos, 2004, p. XLIII).

Segundo Sodré (2023), a busca pela sabedoria que podemos chamar de felicidade é construído a partir do caminho ético que leva ao conceito de *tranquillitas animi*, que se obtém

de "uma inesgotável riqueza interior que liberta o sábio ético das preocupações do mundo exterior (*securitas*) sendo, por isso, fonte de uma autêntica vida feliz (*beata vita*)" (p. 170).

O conjunto da carta 12, nos propõe a tomada de consciência de Sêneca da chegada inequívoca da velhice na sua vida, e como isso se processa no corpo que ele habita: (...) "a Carta 12 apresenta a velhice como a contrapartida natural e concreta tanto do tema da falta de tempo (da transitoriedade humana, da mortalidade), quanto da sua irreversibilidade" (Sodré, 2023, p. 182).

Sendo assim, o velho sábio que buscou a virtude como meta de sua vida, não sente temor diante da iminência da morte. Sua preocupação em aprender a viver desde os dias da juventude, lhe dão a tranquilidade de depositar todas as suas energias no presente. Esse dia presente deve ser vivido como se fosse o último, pois, quem deposita esperanças no futuro sem dúvida é um tolo, que não compreendeu que não podemos possuir aquilo que nem existe, a se dizer, o futuro. O homem feliz e virtuoso é aquele que aprendeu a viver, e conseqüentemente preparou-se e aprendeu a morrer. Vive feliz encarando com serenidade a sua condição de mortal.

Para corroborar com a condição humana de mortalidade, na carta 12.8, observamos as ações de Pacúvio, mediante as encenações que cotidianamente realizava para aproximar os presentes e a ele próprio de sua morte, notamos a exortação de que a cada término de dia, se faça uma reflexão sobre como agimos e que nada garante que haverá uma nova aurora para se viver. Nos adverte (Edwards, 2014 p. 340): "é a iminência da morte que torna urgente a necessidade de equilibrar a conta da vida ao final de cada dia". Donde captamos que os homens só podem agir eticamente no tempo presente.

Na carta 26.3, o balanço que Sêneca faz sobre o seu atual estado de vida, o leva a pesar o que cabe a filosofia com os seus ensinamentos e o que foi sendo assimilado devido ao seu estado de velhice. Sua proposição é de que cabe a idade a imposição natural da falta de vitalidade que tira-lhe as forças do corpo, já a filosofia opera no sentido de o libertar dos desejos, graças à virtude que lhe proporcionou. "A filosofia serve, assim, para conquistar-lhe e manter-lhe a tranquilidade diante das adversidades e privações que o corpo senil lhe impõe" (Alonso, 2020, p. 52).

No que se refere ao parágrafo 5 e 6 da carta 26, o autor descreve o momento da morte como sendo o ponto crucial, que definirá o modo como o ser humano conduziu a sua vida. Nesse momento portanto, não haverá espaço para disfarces e ilusões que possam ter sido criadas durante a vida. "O juízo da morte é inescapável e só é ele real no mais profundo sentido do termo, pois arranca de nossa vida os fatos que a mensuram e que estavam encobertos pelas veleidades a que normalmente nos entregamos" (Alonso, 2020, p. 55).

Sêneca, possuía a intenção de beneficiar um grande número de pessoas por meio de seus escritos, nos comunica: (...) “estou trabalhando para a posteridade. Vou compoendo alguma coisa que lhe possa ser útil; passo ao papel alguns conselhos (...) Indico aos outros o caminho justo...” (carta 8.2). Esse senso de comunidade é um ponto enfatizado na ética estoica, nos informa Graver e Long, se referindo aos fundadores do estoicismo: “seu trabalho foi benéfico para toda a raça humana, pois quem escreve sobre importantes tópicos filosóficos se dirige a leitores de todas as épocas e lugares” (2015, p. 2).

Para os estoicos, e também para Sêneca, é dever de todo ser humano servir à comunidade que agrega todos os seres humanos. “De qualquer maneira, viver eticamente significa compartilhar de um mesmo espírito de comunidade que a humanidade toda possui entre si (*sensum communem, humanitate, congregationem*)” (Sodré, 2023, p. 180). Para os idosos, esse sentimento de pertença a essa comunidade dos homens bons, se torna mais claro devido ao alto grau de comprometimento em viver uma vida integra.

Vale salientar que não é apenas a busca de uma vida boa, que deve orientar as ações das pessoas na velhice, mas fazer um bom uso da solidão/isolamento, que é uma experiência comum de quem vive este momento da vida. A vida intelectual que supostamente separa o sábio ético da convivência social, não acontece para Sêneca, é a própria intelectualidade que liga o sábio ético a *congregationem* (os membros de uma mesma forma universal de vida, ou seja, a própria humanidade).

Portanto, a não-ação que caracteriza o velho que está em uma vida retirada, carrega consigo um alto grau de ação moral, pois, exprime firmemente a escolha de tudo que o indivíduo pode ou não fazer. A escolha por esse ócio, está assim atrelada a busca para ser útil a humanidade, na leitura produtiva e nos aconselhamentos dados aos discípulos que os seguem.

Sendo assim, Torres (2013) indica: “a principal chave para o retiro ativo e frutífero do sábio é que, longe de ser um sinal de indolência, esse retiro é sempre frutífero, não apenas para quem o vive, mas também para todos os outros, tanto no presente como para a posteridade” (p. 38). Assim, agiu Sêneca, quando já retirado de sua vida pública tomou Lucílio como seu discípulo e o orientou para seguir no caminho rumo a sabedoria. Tomando como referencial filosófico a escola estoica, da qual fazia parte.

Ademais, como defendido por Sêneca: “possuamos tudo em comunidade, uma vez que como comunidade fomos gerados. A sociedade humana assemelha-se em tudo a um arco abobadado: as pedras que, sozinhas, cairiam, sustentam-se mutuamente, e assim conseguem manter-se firmes!” (Carta 95.53). Portanto, a sabedoria pertence a todo o gênero humano, reforça o espírito de comunidade de quem se une para fazer o bem. Para os termos de Sêneca,

a sabedoria deve ser compartilhada entre os seres humanos, formando assim a comunidade dos homens. Em concordância com Sêneca, nos afirma Courtil (2014):

“o homem é um ser social nascido para o bem da comunidade, porque compartilha com seus semelhantes o divino *logos*, razão. Essa comunidade gera no homem um sentimento natural de respeito e empatia, e torna o homem uma coisa sagrada para o homem. A luz dessa humanidade compartilhada, ele deve respeito a todos os homens, tanto ao escravo quanto ao homem livre, tanto ao bom quanto ao mau” (p. 202).

Nesta citação o autor, corrobora com a visão de Sêneca, no que se refere a participação dos homens sábios, nesta grande comunidade que compartilha o bem e a ética entre os seres humanos.

3.2. A função social da velhice

Como fora relatado no capítulo I deste trabalho, a carta 104 seria tratada posteriormente durante o desenvolvimento do capítulo III, por se caracterizar tanto como uma função social da velhice, quanto também corrobora para entendermos o sentido da vida para os que estão na velhice. Eis, como Sêneca faz o relato da Carta 104.4:

Demonstra um grande coração quem se resigna à vida no interesse dos outros, o que, aliás, muitos grandes homens têm feito. Considero ainda prova da maior consideração pelo próximo o facto de cuidarmos com maior atenção da nossa velhice (desta velhice cuja principal vantagem é o acréscimo de segurança e de ânimo com que encaramos a existência) caso verifiquemos que a nossa presença é agradável, útil, preciosa para qualquer familiar.

Nesta citação, observamos uma função social para a velhice no que se refere ao bom funcionamento da família. Expressando a sua valiosa contribuição para o bem estar da família, e uma oferta desinteressada em fazer com a sua existência seja proveitosa para os familiares. Esta carta é extremamente elucidativa no sentido de situar a relevância da relação familiar para definir a função social da velhice. Nos diz Sêneca no parágrafo 3:

(...) A velhice já me tornara capaz de afrontar mil e um perigos; agora estou perdendo o benefício da idade, pois veio-me à ideia que neste velho que eu sou existe um adolescente que é necessário poupar. Em suma, não consigo de Paulina que me ame com mais coragem, mas ela consegue de mim que eu me cuide com mais atenção. Há que respeitar os afectos nobres. Por vezes, mesmo em circunstâncias desesperadas, a nossa alma prestes a exalar-se deve ser refreada, retida mesmo no último instante, por muito que isso custe, se a honra dos familiares o exigir: um homem de bem tem de viver, não enquanto lhe apraz, mas enquanto a sua vida for necessária.

Nesta citação, o autor revela a relação de amor e consideração que devota a sua querida esposa Paulina, consciente de sua extrema preocupação com sua saúde “(...) embora a idade

avançada o pudesse já levar a negligenciar os cuidados com a saúde, a sua relação com Paulina obrigava-o, pelo contrário, a cuidar de si, não em interesse próprio, mas no interesse de Paulina (...) (Segurado e Campos, 2004, p. 570).

Sêneca rejeitava a ideia que o velho não tinha mais utilidade. Sua proposição era de que, mesmo que não possa mais participar ativamente da vida pública, política ou de batalhas físicas, o velho tem um papel social relevante como conselheiro, mentor e exemplo ético a ser seguido. A sabedoria e a experiência de vida tornam o velho, uma fonte valiosa de orientação para os seus familiares, amigos e numa dimensão mais alargada para as gerações futuras e para toda a humanidade.

Sendo assim, a carta 98.15, relata a figura de um amigo comum de Sêneca e Lucílio, do qual não se conhece o nome, que expressa muito bem a utilidade do velho como referência para os amigos. (...) “Por ele próprio, aliás, eu nada receio; nós é que ficamos a perder quando ficarmos sem a presença deste ilustre velho. Ele continua cheio de vida, e se deseja que esta se prolongue não é por si, mas por aqueles a quem a sua presença é útil” (p. 538).

É comum em várias sociedades que a mera imagem do velho seja um referencial de sabedoria. Segundo João Alvarenga, em artigo escrito para a Revista Cruzeiro do Sul no ano de 2023:

Tanto na cultura oriental, principalmente a nipônica, o idoso é muito respeitado, já que, para os japoneses, o ancião é um ‘livro vivo’, cujo conhecimento pode ajudar às futuras gerações. Desse modo, os ensinamentos de Confúcio, filósofo e educador chinês, são levados a sério, pois é na velhice que o homem atinge a sua plenitude.

Nesta citação notamos a valorização dos idosos como guardiões da sabedoria, da memória e da experiência. A pesquisadora Silvia Masc, afirma complementando a ideia anterior sobre como as sociedades da China e do Japão veem os idosos:

Na China e no Japão, a velhice é sinônimo de sabedoria e respeito. O fenômeno envelhecer é natural e inerente a toda espécie e tem sido preocupação da chamada civilização contemporânea. Os idosos são tratados com respeito e atenção pela vasta experiência acumulada em seus anos de vida. A família é o Porto Seguro do idoso (Portal Plena, 2021).

Pensamos que no somatório dessas duas citações acima, há um ponto de convergência com o pensamento senequiano. Pois para Sêneca, a velhice é o período da vida onde o velho pode ser útil para os outros, através do exemplo e do conselho. Para os povos originários do Brasil, se processa da mesma forma. Segundo Munduruku (2021), em entrevista dada ao Brasil de Fato:

Claro, quanto mais velha uma pessoa é, mais ela guarda de memória. Mas ao longo da trajetória de cada um, essas histórias vão passando para outras gerações. (...) Eu costumo dizer que a gente se torna velho, mas não é um velho de imediato. A gente vai se tornando velho. E a gente começa a se tornar velho numa cultura, por exemplo, quando a gente se torna avô. E ser avô na cultura indígena é muito cedo, normalmente com 30, 35 anos. Se tudo seguir seu ciclo, aos 40, 45 anos a gente já é bisavô. (...) Mas, ao mesmo tempo, ele já garantiu, ao se tornar mais velho, mais sábio, que outros já ouviram suas histórias, para que se mantenha essa circularidade do pensamento.

Levando em consideração o disposto anteriormente, podemos perceber que a velhice ocupa um papel crucial em algumas sociedades, sendo um “pilar” para a manutenção dos saberes, deveres e como exemplo para guiar as gerações futuras. Mas pontuamos que, o pensamento de Sêneca é bem mais exigente, do que considerar apenas a passagem do tempo como referencial para determinar a sabedoria da pessoa em idade avançada. A velhice como exemplo ético, é, portanto, uma conquista dos idosos que buscaram a virtude para guiar a sua vida.

Sendo assim, em vez de um período de declínio e perdas, a velhice na visão de Sêneca, é a coroação de uma vida dedicada a filosofia, onde a virtude foi conquistada, e a sua sabedoria está à disposição para ser útil aos outros. O pedagogo da humanidade, ou seja, o sábio ético nos dias da sua velhice é, portanto, o sustentáculo da transmissão da ética para os homens jovens.

3.3. O modelo do sábio ético

Encontramos uma variedade de passagens no conjunto das 124 cartas que chegaram em nossas mãos, onde o autor exalta a sabedoria como qualidade superior que pertence ao homem. Sêneca nunca se considerou um sábio ético, pois o termo se refere a um modelo a ser seguido pelos que intentam seguir no caminho da busca pela sabedoria. Mas, nas cartas endereçadas a Lucílio, refere-se a homens que conseguiram se tornar sábios e como tal, tornaram-se exemplos a serem seguidos. Propõe na carta 104,21-22:

Junta-te à companhia dos homens de bem, convive com os Catões, com Lelio, com Tuberão. Se preferires também o convívio com os Gregos, junta-te a Sócrates ou a Zenão: o primeiro ensinar-te-á a morrer quando a necessidade o impuser, o segundo a fazê-lo antes que a necessidade o imponha. Convive com Crisipo ou com Posidônio: eles te darão o conhecimento das realidades humanas e divinas, eles te incitarão a agir, não apenas a falar com talento, a lançar as palavras para o deleite do auditório, mas a fortalecer a alma e a pô-la em condições de afrontar qualquer ameaça.

Nesta citação, Sêneca apesar de concordar sobre a pouca incidência de sábios éticos, dá a Lucílio a referência de homens que estão num patamar que podem inspirar a outros a seguir no caminho da virtude. Sendo assim, adverte a Lucílio: “Feliz o homem capaz de ter por alguém

tanto respeito que a simples lembrança do modelo basta para lhe dar ordem e harmonia espiritual” (Carta 11.9).

Como informado no final do tópico 1.1 deste trabalho, retomamos o tema da função pedagógica da velhice. Assim recorreremos a carta 25.5, onde Sêneca relata para Lucílio: “É útil, sem dúvida, termos acima de nós um mestre, alguém cuja aprovação procuremos, alguém que, por assim dizer, participe dos nossos pensamentos”. A isto acrescenta: “de longe mais importante será viver como se estivéssemos sempre perante o olhar de algum homem de bem”. Sendo assim, para Sêneca é impossível, que se consiga alcançar a sabedoria sozinho, o discípulo carece da figura do mestre como educador para sua formação ética.

Reconhecemos que, devido ao longo caminho a ser trilhado para que se possa tomar posse da sabedoria, o sábio ético, será o pedagogo que está nos dias da velhice. Esta nossa afirmação se apresenta de maneira mais clara quando Sêneca declara:

Que bem específico é o do homem? Já to digo: é uma alma livre, elevada, que tudo submete a si mesma sem a nada se submeter. E tanto este bem se não verifica na infância que a puberdade nem suspeita da sua existência, e até a adolescência seria utópico esperá-lo; e bem irá a velhice se após um longo e constante estudo se conseguir aproximar dele. Ora se o bem é isto, obviamente é inteligível (Carta 124.12).

Nesta citação, o autor insiste em delimitar como a aquisição da sabedoria só se conquista com a utilização do tempo. É o esforço em se esmerar no estudo filosófico, de manter a constância em sempre querer e fazer a mesma coisa durante toda a vida. A sabedoria não pertence aos que estão velhos no sentido biológico, mas sim, nos que buscaram arduamente essa conquista. São um baluarte que sustenta a prática da ética, e, portanto, são exemplos a serem seguidos pelos jovens.

Portanto, o que se propõe (para além de identificar homens que sejam sábios) é destacar a função pedagógica que ocupam. Segundos os estoicos, e também para Sêneca, é possível encarnar nos proficientes a possibilidade de se ocupar o lugar do homem sábio. “A interiorização do modelo do sábio funciona, na alma, como um espelho fazendo continuamente do sábio um discípulo de si mesmo e um exemplo inspirador para a humanidade” (Sodré, 2023, p. 182).

Na construção do modelo de sábio ético cita com especial admiração o nome de Sócrates, que seria um excelente exemplo de pessoa velha, que cultivou uma vida interior superior dentre os outros homens. Soube se portar com tranquilidade, diante da injustiça que sofreu, enfrentou com resignação os reveses da vida e se manteve digno diante da morte.

Ademais, como defendido por Sêneca o modelo do sábio ético, imprime no discípulo, algo que possa servir de referência no aprendizado para uma vida plena. Na carta 104.28, proclama: “Admirável, única, é verdadeiramente a glória deste homem! Até o último momento ninguém viu que Sócrates se tornasse ou mais alegre ou mais triste; no meio da maior inconstância da fortuna ele manteve-se constante até o fim”.

Sendo assim, dispensou semelhante elogio a Catão, por manter uma vida equilibrada, mesmo diante de todas as adversidades que enfrentou na vida. Seu exemplo, exprime a possibilidade de encontrar o sábio ético em figura humana. Sêneca (2007), em sua obra *A constância do homem sábio*, se refere a este homem nos seguintes termos:

Não venhas dizer, tal como é teu costume, que tal tipo de sábio não existe em lugar algum. Não somos nós que projetamos essa fantasmagoria gloriosa do gênero humano, nem é ela mera idealização grandiosa de uma figura fictícia. Tal como o descrevemos, nós o apresentamos como algo raro e único, no espaço de tantos séculos, já que coisa excepcionalmente grandiosa transcende o comum, o vulgar e o corriqueiro. Além do mais, esse mesmo M. Catão que motivou toda essa nossa explanação, receio que até supere o modelo em pauta (p. 9).

Nesta citação Sêneca expressa como é rara a existência de um sábio ético. Porém, revela a sua materialidade na história dos homens, citando a figura de Catão. “(...) o artista-filósofo pretende conscientemente moldar (conformar) o retrato de uma sabedoria perfeita, mas factível, longe das descrições estéreis daqueles que querem moldar (dedos) imagens vazias que são irrelevantes para a real melhoria humana” (Cermatori, 2014, p. 308).

Sêneca, como os antigos, afirma que o homem só pode ser “bom” ou “mau”, mas propõe uma nova possibilidade que: “admite gradações entre estes dois extremos. Um homem pode não ser absolutamente “bom”, “sábio” (e Sêneca afirma que esse ideal apenas muito raramente tem sido atingido na vida real, embora haja alguns exemplos como Sócrates ou Catão)” (Segurado e Campos, 2004, p. XLI).

Sendo assim, a proposição de Sêneca se ancora na possibilidade de que mesmo não sendo um sábio propriamente dito, o homem pode via uso da razão, se aproximar dessa figura ideal do homem sábio. “Para Sêneca, portanto, a condição de sábio não se atinge instantaneamente, num momento, digamos de ‘iluminação’, mas implica uma continuidade de esforço, uma aplicação incessante e, sobretudo, um férreo exercício da ‘vontade’ (Segurado e Campos, 2004, p. XLI).

Na carta 16.1, Sêneca afirma “uma vida feliz é produto de uma sabedoria totalmente realizada”. Indica a Lucílio a meditação cotidiana, a firmeza de propósitos, o robustecimento das ideias e propõe “que se transforme em sabedoria o que apenas era boa vontade”. O exercício

da vontade (*voluntas*) exige força interior, portanto, diz Sêneca dirigindo-se a Lucílio: “(...) aconselhar-te com todo o empenho que nunca deixes esmorecer ou esfriar o ímpeto que te vai na alma. Conserva-o, dá-lhe forma, de modo a que esse ímpeto de hoje se torne configuração permanente da tua alma” (Carta 16.6).

Portanto, para Sêneca há possibilidade de se progredir do estado inicial, por assim dizer, que o homem “mau”, que ainda não está firme, pode exercitar a sua vontade, e assim, paulatinamente conseguir tornar-se melhor a cada dia. Basta que busque na orientação de um sábio, a sua elevação “de facto, quem convive com um filósofo obtém sempre algum benefício: ou o seu caráter se aperfeiçoa, ou se torna mais apto a aperfeiçoar-se” (Carta 108.4). A originalidade de Sêneca em admitir gradações entre as categorias que designam o estado de vida dos homens, revela que a sabedoria é acessível a todos que sinceramente a buscam.

Sendo assim, Sêneca reconhece a capacidade pela qual os homens podem se tornar sábios, via a utilização de exemplos raros, porém reais. “A alma requer exemplos concretos ou modelos dignos de serem seguidos, afim de tê-los sempre presentes como protetores, colaboradores ou corretores, pois as falhas não podem ser corrigidas a não ser de acordo com um determinado padrão” (Torres, 2013, p. 24-25).

Sêneca, propõe em seu ensinamento filosófico, que se faz necessária a presença do pedagogo (*generis humani paedagogus*), para a formação do discípulo, pois ele sozinho não possui a capacidade de se libertar dos vícios, das paixões e dos sentimentos fortuitos, com as suas próprias forças. Nesse processo pedagógico, o sábio por seu exemplo e conduta ética, pode assumir a condição de guia e educador, para aqueles que buscam alcançar uma vida virtuosa. Nos afirma Sêneca: “como se o filósofo-sábio não fosse precisamente o pedagogo do género humano” (Carta 89.13).

Encontramos na carta 117.12: “a sabedoria consiste num espírito perfeito, ou levado ao mais alto grau de elevação; é numa palavra, a arte da vida”. Sendo assim, a vida como obra de arte para Sêneca, é uma jornada de autodomínio e sabedoria, utilizando a filosofia para administrar bem o tempo e as emoções, como também aprender a suprimir os desejos e encarar com serenidade as adversidades da vida. Realizado, a meta é alcançar uma existência significativa e digna de deixar exemplo, ou seja, ter vivido plenamente. Essa vida simples e equilibrada, contrasta com a vida agitada e sem propósitos de muitos.

O sábio ético é aquele que sabe fazer o uso consciente do seu tempo. Para Torres (2013), quando Sêneca se refere ao uso do tempo nos indica que:

O principal aspecto da virtude é que ela alcança a plenitude dos bens eternos sem a necessidade do futuro e sem a necessidade de olhar para trás. O tempo, sempre fugaz,

está em nossas mãos somente quando o usamos adequadamente, ou seja, se o dedicamos com a máxima eficiência e ardor a emenda da alma (p. 38).

O sábio ético é, portanto, um homem que aprendeu a viver o presente, afinal é o único tempo sobre o qual temos controle real. Onde efetivamente podemos fazer uso da razão e assim, nos conduzir numa vida ética. Sêneca, no seu projeto de iniciação sobre ética a Lucílio, já na primeira epístola, contextualiza ao seu discípulo sobre como aproveitar o máximo desse único bem que nos pertence.

O sábio ético é, um homem que se conduziu na vida consciente de sua condição de mortal e, portanto, não viveu uma vida ilusória depositando sua esperança num futuro que não lhe pertence. Está sempre preparado para enfrentar a morte como um fato irreversível. Seu caráter imperturbável lhe garante a firmeza de que prestar contas de sua existência será o momento de provar o seu verdadeiro valor.

O sábio ético é, também, aquele que alcançou o domínio de si mesmo, vivendo uma virtude inabalável e, como descrito na carta 9.3: “contenta-se consigo mesmo”. Sabe que tudo que é necessário para viver uma vida feliz encontra-se nele mesmo. Mas sua autossuficiência, não o torna um ser apartado da vida em comum com os outros seres humanos: “(...) o sábio basta-se a si mesmo para viver uma vida feliz, não simplesmente para viver, na medida em que para viver carece de muita coisa, mas para ter uma vida feliz basta-lhe possuir um espírito são, elevado e indiferente à fortuna” (Carta 9.13).

Em suma, o sábio ético de Sêneca, é aquele homem que vive em harmonia com a virtude, tendo-a como bem supremo. Vive sereno e feliz reconhecendo-se como parte do todo, buscando harmonia com a natureza. É um homem autêntico, que mantém a coerência entre o que diz e o que faz, vivendo uma vida transparente. A sabedoria é mais do que entender sua própria natureza e como satisfazer suas necessidades. Para Sêneca, assim como para outros estóicos, a sabedoria é o conhecimento tanto das coisas divinas quanto das humanas (Wildberger, 2014, p. 315).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo central, explicar o sentido ético da velhice para Sêneca. O tema demonstrou ter relevância porque Sêneca, na contramão do pensamento do mundo antigo, vê a velhice como um período de alegria. Para além disso, é claro que apesar da obra ter sido escrita no contexto social da antiguidade clássica, apresenta-se como uma fonte extremamente atual, de trazer à tona a dignidade da velhice. Nesses termos, reforçamos a posição de Sêneca em demonstrar a utilidade e influência dos idosos na vida em família e na sociedade.

O trabalho amplia a utilização do pensamento senequiano para tratar sobre a velhice, tema que vem sendo cada vez mais relevante, pois, podemos afirmar que nunca tantos viveram por tanto tempo.

Além disso, a análise de um sentido ético para a velhice, se revelou também como uma oportunidade de que se coloque em destaque que para os homens se tornarem sábios na velhice, se faz necessário que se busque esse lugar de serenidade, ainda nos dias da juventude. Aprender a ter uma vida ética é um processo de uma vida inteira. Com a velhice, após um longo percurso, finalmente se poderá desfrutar dessa conquista com a serenidade de quem sabe que cumpriu bem com o seu dever.

O tema demonstrou ter uma grande relevância por ser uma pesquisa de base para contribuir com o tema da velhice. Como bem defendia Sêneca, os velhos que se tornaram sábios e são protagonistas de suas vidas, possuem uma função social relevante. Seus aconselhamentos e atitudes diante dos desafios de viver uma vida ética, serão sempre preciosos para revelar as futuras gerações o caminho que leva ao bem viver.

Como contribuição deixada por esse estudo, podemos dizer que nosso interesse é desenvolver uma sensibilidade ética para os estudos sobre a velhice. Iluminando a dignidade humana nesse período da vida. Tal afirmação toma como base a diferença entre existir e realmente viver, fato este que se observa com facilidade quando nos deparamos com homens idosos que se tornaram referência para outros homens. Para materializar esse objetivo, se fará pública a lista das cartas e de seus respectivos parágrafos, que se referem a velhice, para o conhecimento e quiçá a utilização por outros pesquisadores, que desejem aprofundar os estudos sobre o tema em Sêneca. Nos limites de tempo da pesquisa realizada e como estratégia de recorte, anunciamos que muito outros dados podem ser coletados sobre o tema na obra citada acima.

Dentre os resultados mais significativos obtidos, destacamos a condição assumida pelos velhos sábios que exercem sua autoridade com beleza (não a beleza corporal que é passageira) mas, a beleza interior que congrega: a virtude, o caráter e a harmonia interior. Enfim, o sábio, é aquele que mantém a coerência entre o exterior e o interior (beleza da alma), irradiando uma beleza duradoura e verdadeira conquistada através de suas ações éticas, que é muito superior a qualquer padrão físico.

Para Sêneca, o sábio ético nos dias da velhice, possui a verdade com confiança, pois, sua história de vida precede qualquer outro tipo de apreciação que possa ser feita sobre ele. Desejou desde os dias da juventude sempre a mesma coisa, agir eticamente e, assim, conseguiu influenciar a muitos. Sua confiança nas suas ações éticas, é um lembrete de como se deve agir para conquistar a tranquilidade da alma.

Os velhos detentores da sabedoria, são também, aqueles que usaram a sua bondade como exemplo para guiar os seus discípulos. Após trilharem um longo caminho que os levou a tomar posse do supremo bem (a virtude), podem finalmente desfrutar da função que ocupam na família e na sociedade. Suas ações são exemplo a serem seguidos e como tal, são pedagogos por excelência das presentes e futuras gerações.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, André. A velhice e a morte: A carta 26 de Sêneca. **Perspectiva Filosófica**, Vol. 47, n. 1, 2020.
- ALVARENGA, João. Etarismo, você conhece?. **Jornal Cruzeiro do Sul**, 2023. Disponível em: <<https://www.jornalcruzeiro.com.br/opiniaio/artigos/2023/08/719621-etarismo-voce-conhece.html>>. Acesso em: 04 Abr. 2025.
- CERMATORI, Linda. **The Philosopher as Craftsman: A Topos between Moral Teaching and Literary Production**. In: WILDBERGER, Jula; COLISH, Márcia L. (ed.). *Seneca Philosophus*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2014, p. 295-318.
- COURTIL, Jean-Christophe. **Torture in Seneca's Philosophical Works: Between Justification and Condemnation**. In: WILDBERGER, Jula; COLISH, Márcia L. (ed.). *Seneca Philosophus*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2014, p. 189-208.
- COLISH, L. Marcia. **Seneca on Acting against Conscience**. In: WILDBERGER, Jula; COLISH, Márcia L. (ed.). *Seneca Philosophus*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2014, p. 95-110.
- EDWARDS, Catharine. **Ethics V: Death and Time**. *Brill's Companion to Seneca: philosopher and Dramatist*. Leiden, Brill, 2014. p. 323-342.
- ELIAS, Nobert. **A solidão dos moribundos: seguido de "Envelhecer e morrer"**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FISCHER, Andrew. **Metaethics: an introduction**. Durham: Acumen, 2011. p. 1-10.
- JONES, Madeleine. **Seneca's Letters to Lucilius: Hypocrisy as a Way of Life**. In: WILDBERGER, Jula; COLISH, Márcia L. (ed.). *Seneca Philosophus*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2014, p. 393-430.
- MASC, Sílvia. **O olhar do idoso no Japão e na China, acima de tudo é o respeito**. Portal plena, 2021. Disponível em: <<https://portalplena.com/vamos-discutir/o-olhar-ao-idoso-no-japao-e-na-china-acima-de-tudo-respeito/>>. Acesso em: 04 Abr. 2025.
- MENEZES, Maria do Rosário. **Da Violência Revelada à Violência Silenciada: um estudo etnográfico sobre a violência doméstica contra o idoso**. 1999. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, Ribeirão Preto, 1999. Disponível em: <http://bdpi.usp.br/single.php?_id=001067004>. Acesso em: 04 abr. 2025.
- MUNDURUKU, Daniel. **Os povos indígenas são a última reserva moral dentro desse sistema**. Brasil de Fato, 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/10/17/daniel-munduruku-os-povos-indigenas-sao-a-ultima-reserva-moral-dentro-desse-sistema/#:~:text=Claro%2C%20quanto%20mais%20velha%20uma,porque%20a%20gente%20perde%20refer%C3%A2ncias.>>. Acesso em: 04 Abr. 2025.
- MUNDURUKU, Daniel. **A voz da experiência**. Previ, 2023. Disponível em: <<https://www.previ.com.br/portal-previ/fique-por-dentro/noticias/a-voz-da-experiencia.htm>>.

Acesso em: 03 Abr. 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (SBGG). **O que é Geriatria e Gerontologia?**, SBGG. Disponível em: <<https://sbgg.org.br/o-que-e-geriatria-e-gerontologia/>>. Acesso em: 04 Abr. 2025.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Sêneca (Biblioteca de Grandes Pensadores)**. Estudo introdutório de Juan Manuel Díaz Torres; tradução de Juan Mariné Isidro e Ismael Roca Meliá. Madrid: Gredos, 2013. (Biblioteca de Grandes Pensadores; n.º 32).

SÊNECA, Lúcio Aneu. (2007) **A constância do sábio**. Tradução de Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2007.

SÊNECA, Lúcio Aneu. (2004) **Cartas a Lucílio**. Trad., pref. e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SÊNECA, Lúcio Aneu. (2017) **Sobre a brevidade da vida. Sobre a firmeza do sábio** : Diálogos / Sêneca ; tradução José Eduardo S. Lohner - 1ª ed. - São Paulo : Penguin Classics Companhia de Letras, 2017.

SENECA, Lucius Annaeus. **Letters on ethics to Lucilius**. Translated by Margaret Graver and A. A. Long. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

SETAIOLI, Aldo. **Epistulae Morales**. In: DAMSCHEN, Gregor; HEIL, Andreas (orgs.). *Brill's Companion to Seneca: philosopher and dramatist*. Leiden: Brill, 2014. p. 191-200.

SMITH, R. Scott. **Physics I: body and soul**. In: DAMSCHEN, Gregor; HEIL, Andreas (orgs.). *Brill's Companion to Seneca : philosopher and Dramatist*. Leiden, Brill, 2014. p. 343-361.

SODRÉ, Felipe A. **A Tranquilidade da Alma como fim último da Filosofia de Sêneca: elementos para um comentário ao livro primeiro das Cartas a Lucílio**. In: NASCIMENTO, Ermano Rodrigues do. *Ética, Valores e Responsabilidades na Contemporaneidade* / Ermano Rodrigues do Nascimento, José Tadeu Batista de Souza (organizadores). – Formiga (MG): Editora Uniesmero, 2023.

WILDBERGER, Jula. **Ethics IV: Wisdom and Virtue**. In: DAMSCHEN, Gregor; HEIL, Andreas (orgs.). *Brill's companion to Seneca: philosopher and dramatist*. Leiden: Brill, 2014. p. 301-322.

APÊNDICE A – ÍNDICE DAS CARTAS A LUCÍLIO QUE SE REFEREM À VELHICE

Livro I (Cartas 1-12)

- Carta 1 Implícito quando menciona as borras do vinho*
- Carta 4 Pequena menção no item (2)
- Carta 12 Traz como tema principal à velhice

Livro II (Cartas 13-21)

- Carta 13 Menciona brevemente no final da carta (17)
- Carta 15 Se refere brevemente (6)
- Carta 19 Menciona (velho patrono) (4) ver contexto*

Livro III (Cartas 22-29)

- Carta 22 Velho (14) ver contexto*
- Carta 13 “É lamentável estar-se perpetuamente no começo da vida.” (9)
- Carta 26 Descreve o que é a velhice (1) e (4)
- Carta 27 “Pensa na idade que tens, Sêneca... (2)

Livro IV (Cartas 30-41)

- Carta 30 Fala-se sobre Basso durante a carta, seu estado na velhice (1)
- Carta 31 Velhice relacionada com o tema da beleza (10)
- Carta 33 “É uma vergonha que um homem já velho, ou próximo da velhice, tenha uma sabedoria de compêndio”. (7)
- Carta 34 Sinto-me pleno de exaltação... (2)
- Carta 36 Envelhecimento do vinho (2) ver contexto* Um velho na escola primária... (4)

Livro V (Cartas 42-52)

- Carta 45 Sêneca faz menção a sua própria velhice (2)
- Carta 48 Menciona: “Já velhos, pormo-nos a brincar com um assunto tão sério”. (5)
- Carta 49 Pequena menção onde fala sobre as fases da vida (3) e (4)

Livro VI (Cartas 53-62)

- Carta 55 (3) ver contexto*
- Carta 58 Relata sobre a velhice de Platão (30), cita que ele morreu aos 81 anos. Nova menção (32), Retoma a figura das borras, como havia feito na carta 1. Parágrafo (33)
- Carta 61 Sêneca fala sobre a sua preparação para a velhice e para a morte (2)

Livro VII (Cartas 63-69)

- Carta 66 Se refere a velhice de seu amigo Clarano (1)
- Carta 67 Fala novamente da sua velhice (1) e (2)
- Carta 68 Os parágrafos (13) e (14)

Livro VIII (Cartas 70-74)

Carta 70 Linha cronológica da vida (1) ao (4)

Livro IX (Cartas 75-80)

Carta 76 “Então é para isso que envelhecemos, para imitar os jovens?” (1, 2, 3, 4)

Carta 77 Pequena menção “precocemente envelhecido” (5)

Carta 78 Pequena menção “O que me reteve foi a avançada idade do meu querido pai”. (2)

Livro XV (Cartas 93-95)

Carta 93 (1) ao (4)

Carta 94 Pequena menção “conselhos de velhos”. (2)

Livro XVI (Cartas 96-100)

Carta 96 (3) e (4)

Carta 98 (15) ver contexto*

Carta 99 (9), (10), (22), (31) ver contexto*

Livro XVII - XVIII (Cartas 101-109)

Carta 101 Referência a uma vida longa (4) e (5), no item (10), faz a descrição dos desabores que podem se apresentar com a velhice. Ler até o item (15).

Carta 104 Cuidados com a velhice (4), (5) e (12). Nota de rodapé (atenção a velhice).

Fala sobre a velhice de Sócrates (27).

Carta 108 Fala sobre a velhice (24). Reflete sobre o passar do tempo (25). Repete-se a metáfora das borras (26), que também aparece nas cartas 1 e 33.

Livro XX (Cartas 118-124)

Carta 120 “Por moralidade entendem a noção teórica dos deveres imperativos, tais como cuidar religiosamente do pai na velhice. (2)

Carta 121 Fases da vida (adaptação) (16)

Carta 124 (12)